

cações pedagógicas, algumas pistas exploratórias em ordem à ajuda na definição de si mesmo ²:

a) a vocação **nasce e desenvolve-se na relação com outros**: uma vocação não nasce do vazio, passa pela identificação com uma pessoa, com um modelo, identificação que é depois «reconstruída» de acordo com as condições particulares de existência de cada um, porque ninguém é igual ao modelo ou à pessoa com quem se identifica.

Implicação pedagógica: para que essa reconstrução se faça de uma forma adequada, é necessário que a pessoa possa **experimentar o contacto com diversos modelos**, o que só é possível se o educando estiver inserido numa comunidade humana em que diversos papéis estejam representados de uma forma completa e a pessoa se possa confrontar face a outras modalidades de existência.

b) a **vocação envolve opções sucessivas**: não é uma decisão única, definitiva, antes implica uma sequência de opções existenciais com repercussões na postura do indivíduo face à realidade.

Implicação pedagógica: a vocação vai-se definindo a partir de **escolhas quotidianas**, fragmentadas e variadas, a que convém estar atento dado que essas escolhas configuram e exprimem desejos, necessidades, preocupações e aspirações.

c) a **vocação comporta essencialmente uma dimensão pessoal**: é uma opção fundamental (ou um conjunto de opções) a partir da(s) qual(is) a vida ganha significado.

Implicação pedagógica: importa fazer com que a definição de si próprio não seja algo imposto do exterior mas constitua qualquer coisa de **construtivo**, em que o educador não percorra o caminho do educando mas o ajude a obter uma percepção objectiva da sua condição existencial, a tomar consciência de si como alguém que possui uma dada originalidade e a atribuir um sentido às coisas, às experiências do dia-a-dia.

Trata-se, então, de conferir ao educando os métodos e os meios para que ele possa ser cada vez uma pessoa cada vez mais empenhada na sua própria educação, pela qual ele também é responsável, progredindo no espaço e no tempo em direcção a novas conquistas e a um cada vez maior desenvolvimento da sua personalidade.

ANTÓNIO MANUEL FONSECA

²FONSECA, A. M. - *Personalidade, projectos vocacionais e formação pessoal e social*. Porto: Porto Editora, 1994.

A espiritualidade da Serva de Deus, Sílvia Cardoso

É uma ousadia escrever sobre a espiritualidade da Sílvia Cardoso Ferreira da Silva, sobretudo por quem nunca a conheceu nem com ela conviveu. Contudo, decidi-me a fazer este trabalho sobre a sua espiritualidade, depois de ter lido alguns dos seus escritos e ter ouvido alguns testemunhos de quem a conheceu e com ela conviveu ¹.

Com o meu trabalho pretendo divulgar o conhecimento da Serva de Deus e da sua Obra. Fi-lo enquadrando a sua vida «no Espírito e segundo o Espírito» num esquema teológico da espiritualidade cristã. O enquadramento teológico da sua experiência espiritual e dos pensamentos e sentimentos salutares, que os seus «Escritos contêm, pode servir a causa da «espiritualidade cristã» na Igreja. Além disso, penso que este trabalho pode servir para difundir a cultura sobre a «espiri-

dade cristã»; o que julgo muito importante para a «nova evangelização» do mundo actual. As fontes do meu trabalho foram os «manuscritos» da D. Sílvia Cardoso, recolhidos e ordenados em Arquivos sob

¹ Cf. NEVES, Moreira das - *O Anjo das três loucuras*. Braga: Ed. A.O., 1978.

A Sílvia Cardoso foi Benemérita e Apóstola!

- Nasceu em 26/VII/1882.

- Recebeu o Baptismo em 4/VII/1882.

- A Confirmação em 23/IV/1893.

- Noivado frustrado em 1913.

- Contagiada pela pneumónica em 1918.

- Em 1923 abriu em Sequeiros a primeira casa de Retiros espirituais para leigos.

- Em 1927 abriu a casa da Granja na Gândara.

- Em 1932 abriu a casa de Retiros na Amadora.

- Em 1939 abriu a casa de Retiros de Quintela.

- Faleceu em 2/XI/1950.

a orientação do Cónego Doutor Ângelo Alves, Postulador da causa da Serva de Deus ². A leitura dos «manuscritos» da D. Sílvia Cardoso foi para mim uma forma de comunicação com a sua pessoa, presente nos seus escritos, dentro do mistério da «Comunhão dos Santos». Como acontece em toda a obra literária, a leitura dos apontamentos íntimos da Sílvia foi o meu caminho de acesso ao conhecimento da sua vida interior, que ela transmitiu pelos seus escritos espirituais, segundo a sua própria declaração.

«Escritos que me senti obrigada a escrever para guardar». ³

Os textos dos seus manuscritos foram elaborados numa linguagem e com um estilo muito próprio da Dona Sílvia. Muitos deles pertencem ao género literário da oração comum; noutros predomina o género literário da oração mística. Há na colecção dos seus manuscritos algumas cartas, que contêm muitas informações e dados da sua autobiografia. Há também nos seus manuscritos muitos pensamentos pessoais, juntamente com pensamentos de alguns autores sob a forma de apontamentos, tirados nas conferências em que participou ou das leituras que fazia. Abundam neles muitas exortações, que ela fez no decorrer da sua vida, nas mais variadas circunstâncias dos seus interlocutores. Muitos dos seus manuscritos nasceram da sua contemplação espiritual. Alguns deles estão formulados no estilo de um «diário espiritual», no qual ficaram registados os traços da sua autobiografia interior, conforme o seu próprio testemunho. Diz ela em muitos dos seus Escritos:

«Escritos para recordar!» ⁴

Efectivamente, os seus escritos contêm pedaços do seu colóquio místico feito em diferentes lugares de recolhimento. São ecos da Palavra eterna que ela desejava reter como perfume do Divino; são resso-

² Cf. ALVES, Cón. Ângelo - «Entrevista feita por Ilídio Pinto Cardoso para a Voz Portucalense». Ano X, 5 de Abril de 1979, nº 14.

Sobre os escritos da D. Sílvia, diz o Dr. Ângelo, Procurador ou Postulador do processo de beatificação e canonização da Serva de Deus: «fizemos uma investigação sumária sobre os escritos da Serva de Deus, felizmente já recolhidos em arquivo, e compreendem numerosos apontamentos espirituais, reveladores do alto grau de vida mística com que foi dotada». Os escritos foram recolhidos em Caixas numeradas, contendo cada uma delas vários escritos, designados por Documentos. Postos à minha disposição pelo Dr. Ângelo Alves, são a fonte do meu trabalho, citadas no desenvolvimento do mesmo.

³ Cf. Cx. 30, Dc. 2; Cx. 32; Cx. 18, Dc. 6; Cx. 29, Dc. 9, etc.

⁴ Cf. Cx. 28, Dc. 1; Cx. 36, Dc. 3; Cx. 25, Dc. 4; Cx. 20, Dc. 1, etc.

nância do diálogo entre o seu coração e o Coração de Cristo, praticado sobretudo nos momentos do seu desprendimento do mundo e da sua união íntima com Cristo, Redentor das almas.

Mais comunicativos do que informativos, os manuscritos da D. Sílvia devem ser tratados segundo os princípios gerais da hermenêutica literária. Os manuscritos da Sílvia Cardoso podem ser abordados pelo teólogo, pelo historiador, pelo psicólogo ou pelo sociólogo; mas cada qual fará a sua leitura deles, segundo o seu ponto de vista e o respectivo método. A compreensão dos seus textos e sua interpretação não se pode separar da sua biografia histórica. Um estudo crítico dos Escritos da D. Sílvia Cardoso, que reconstituísse o seu ambiente cultural e histórico, no qual ela viveu a sua espiritualidade apostólica, seria muito elucidativo, porque os seus escritos espirituais reflectem a problemática da Igreja em Portugal na primeira metade do séc. XX. Não existindo ainda tal estudo, limitei-me ao contacto directo com os seus Escritos e a alguns testemunhos de quem com ela conviveu. Prescindi igualmente da abordagem psicológica dos textos, embora reconheça que eles reflectem a subjectividade da sua «equação pessoal»; manifestam as virtualidades da sua personalidade, a sua educação e formação religiosa e cultural, que foram factores que configuraram a evolução interior da sua fisionomia espiritual. ⁵

Prescindi igualmente da abordagem da linguagem simbólica, utilizada pela D. Sílvia Cardoso na formulação literária do inefável das suas experiências espirituais. Ela escreveu muito, mas não esbanjava papel nem escolhia a sua qualidade. Qualquer folha servia. Tinha uma certa predilecção pela tinta vermelha, símbolo do martírio e do sangue de Cristo crucificado! Sem pensar na gramática nem na lógica, cada frase era uma explosão vulcânica da sua alma. Sem cuidado literário, a linguagem da D. Sílvia está reduzida ao mínimo para exprimir o máximo, nas suas confidências com o Senhor! Ressalta do seu modo de escrever o dinamismo das suas vivências interiores. Sobrepunha muitas vezes linhas verticais nas linhas horizontais, expressão da ânsia de ir directa e rápida a tudo e em todas as direcções, onde ouvisse gemidos humanos e apelos divinos! Muitos dos seus escritos são jaculatórias instantâneas, sucessivos pontos de exclamação, setas de fogo do seu coração como estas:

⁵ Cf. BONAVENTURE, Leon - *Psicologia e Vida mística*, Petropolis: Vozes, 1975, p. 37 ss.

*«Amor e Obra! Amor em obra!
Tudo em Deus e por Deus!
Amor de Deus em Amor visto por Amor!
Amor em Obra vista no Amor pelo Amor em
Amor!»*⁶

Prescindi neste trabalho das questões relativas à origem e natureza da linguagem simbólica da D. Sílvia Cardoso e das questões sobre os diferentes níveis de interpretação dos seus Escritos, embora reconheça que os símbolos da sua linguagem espiritual são a expressão de uma situação espiritual total, na qual intervêm factores psíquicos conscientes, inconscientes, racionais e sentimentais.

Muitas vezes o «símbolo resume todas as oposições numa imagem, sendo esta a melhor expressão possível de elementos que a razão dela não pode seguir até ao final para encontrar uma fórmula para o Inexprimível!» Exprímia as suas experiências espirituais sob a forma de imagens e de símbolos, que lhe eram familiares. Alguns deles provinham da Liturgia, sobretudo da Eucaristia; outros da Bíblia e da experiência da realidade, sobretudo da sua dedicação ao cultivo e à cultura das flores; mas os símbolos nascem e renascem em situações históricas concretas! Servindo-se de um material comum e familiar, a Serva de Deus conferia-lhe uma nova significação psicológica e espiritual transformando-o em realidade simbólica. Por exemplo, as flores foram transformadas em símbolos da sua experiência do Amor de Deus, considerando-as «sorrisos de Deus» na sua cultura das flores; que foi uma das suas loucuras.

*«A obra da criação... Jardim de Deus! A Sua Obra! O Seu Amor!
Alvo lençol; a todos estendido para o mundo n'Ele visto o ser
e com ele, todos n'Ele, sermos envolvidos, num só Amor, a cobrir
a terra, inteira, das mais lindas flores! Roseiras e mal-mequeres;
em bem-mequeres tornados, a levar ao mesmo Amor, todo
Amor, que por Ele lhe foi dado que com o vosso Amor, Vos amemos,
Senhor!*

*Na Amadora, sobre o Crucifixo no confessionário 3 flores deposte-
itei; no liláz, vista a união / na flor do linho a penitência /; no
Bem-mequer vista a Obra / a Pureza / o Amor de Deus!»*⁷

⁶ Cf. Cx. 26, Dc. 3; Cx. 7, Dc. 4.

⁷ Cf. Cx. 26, Dc. 3.

O meu trabalho sobre a visão de conjunto do fenómeno espiritual da D. Sílvia Cardoso ficou limitado a uma pura leitura teológica das experiências espirituais que transparecem nos manuscritos da Serva de Deus. Da leitura dos seus manuscritos fiquei convencido de que a vida da Serva de Deus foi uma «vida vivida no Espírito e segundo o Espírito»; vida que exala graça, própria de quem se movia em Deus! A sua experiência da vida cristã é uma expressão da espiritualidade cristã, concretizada na sua forma de viver a vida inspirada pelo Espírito Santo, motivada e enraizada em Cristo! Embora soubesse que Deus tudo entendia e só lhe interessava que Deus a entendesse, não deixou de escrever muitas experiências que nós podemos admirar! No interior da capa de um livro, datado de 30 de Novembro de 1936, podemos ler o seguinte:

*«Nada tenho que ver, nem compreender! Estou sempre unida a
Deus e à Sua Vontade!
Em Maria depus todos os meus cuidados!
Que S. José guie todos os trabalhos!»*⁸

Segundo os princípios fundamentais da «hermenêutica do leitor/receptor», os Escritos da Dona Sílvia Cardoso são um espelho da sua alma no qual o leitor espiritual pode identificar as experiências da sua espiritualidade cristã!

Lidos e compreendidos desde a apropriação do leitor espiritual, os seus Escritos podem ajudá-lo a reconhecer a sua própria vida interior, como ela reconheceu e formulou a sua experiência com a narração das experiências de outros místicos e autores espirituais. Fê-lo muitas vezes, quando manifestava a sua experiência espiritual, com expressões semelhantes a esta:

*«Para em João de Brito ser visto o Amor, o mesmo de Terezi-
nha, em Deus formado pelo Amor do céu à terra baixado / para
em Amor ser vista a grande Obra! Uma só obra / Um só Amor em
obra / por uma só Obra / uma só Obra; n'Ele!»*⁹

1. A ESPIRITUALIDADE LAICAL DE SÍLVIA CARDOSO

A espiritualidade da Dona Sílvia Cardoso é uma espiritualidade laical, porque ela foi uma «fiel-leiga» que viveu a vida cristã no «Espí-

⁸ Cf. Cx. 25, Dc. 18.

⁹ Cf. Cx. 15, Dc. 26.

rito e segundo o Espírito» no mundo, segundo as exigências do Evangelho. Contudo, a «laicidade» da sua espiritualidade cristã depende do modo de compreender a identidade do «Leigo na Igreja». Para a teologia tradicional, que definia o «leigo negativamente como 'não clérigo' ou não religioso», o horizonte de compreensão da espiritualidade do leigo era a espiritualidade religiosa ou a ministerial. Nesta perspectiva, a espiritualidade da D. Sílvia ficaria reduzida à sua piedade e devoção; ou então, aos meios operativos da perfeição cristã. Guiada pela doutrina conciliar, a teologia actual distingue diferentes formas de espiritualidade cristã, interpretando-as à luz do fundamental da mesma, destacando nela a «consagração baptismal», o «Seguimento de Cristo» e a «Vida no Espírito e segundo o Espírito», que guia e inspira as experiências pessoais e comunitárias. Invertendo o esquema da teologia tradicional, a teologia actual pensa a espiritualidade sacerdotal e a dos religiosos na relação com a laical, porque os ministros ordenados são «fiéis-leigos» que vivem o fundamental da espiritualidade cristã no exercício dos ministérios conferidos pelo sacramento da Ordem; e os religiosos vivem-no na prática dos compromissos assumidos pela profissão religiosa¹⁰.

Prescindindo destas questões teológicas, mas considerando a espiritualidade da D. Sílvia Cardoso uma forma da espiritualidade laical na Igreja. Efectivamente, ela foi uma «fiel leiga» chamada por Deus para uma missão no mundo; viveu o fundamental da espiritualidade cristã fora do convento ou de qualquer instituto de perfeição. Inspirada pelo Espírito Santo, protagonista da missão evangélica, concorreu para a santificação do mundo, vivendo dentro do mundo como fermento; manifestou Cristo aos outros pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade e pela sua intensa actividade apostólica. Viveu a vida espiritual no mundo, envolvida em muitas ocupações e actividades terrenas, nas condições da vida social, dentro das quais foi tecida a sua existência.

1.1. Raíz da sua espiritualidade laical

São poucas as reflexões da Sílvia sobre a sua experiência espiritual como existem noutros autores espirituais e místicos. Contudo transparecem nos seus manuscritos uma intuição da sua espirituali-

¹⁰ Cf. ESPEJA, Jesus - *La espiritualidad cristiana*. Navarra: Verbo Divino, p. 35-39.

dade, adquirida por conaturalidade teológica. Efectivamente, ela descobriu e viveu a misteriosa riqueza do Baptismo que nos regenera para a vida dos filhos de Deus. Num dos folhetos, com o título «Sacramento da Confirmação», está escrito, a tinta verde, a completar outros dizeres impressos na folha:

«Baptizada na Igreja de Sta. Eulália de Paços de Ferreira, em 4 de Agosto de 1882.

Recebi o Sacramento da Confirmação no dia 25 do mês de Outubro de 1913 na Igreja de Sta. Eulália de Paços de Ferreira, o qual foi ministrado pelo Exmo. e Rev.º Senhor António Barroso».

Esta página tem impressas sete pequenas gravuras, todas iguais, sob as quais está escrito a tinta verde:

«As sete chamadas! Sêde Santos! À consagração firme! A Obra! Jesus! O Amor! Ele na sua Obra! Vós! Tomais a minha Obra! O Pão verdadeiro! Eu! O que tudo tenho! O que tudo dou! Venham! Venham, a mim todos! Pela minha Obra! Eu! Eu em vós! A Obra, Meu Amor! Ofertada, a todos que de mim se abeirarem!»¹¹

Unida a Jesus Cristo pelo Baptismo e ao Seu Corpo, que é a Igreja, foi ungida pelo Espírito Santo, reconhecendo-se seu templo e testemunha do primado e gratuidade do Amor de Deus, manifestado no seu Amor ardente para com o próximo necessitado. É dentro desta dinâmica que se enquadram muitas das experiências espirituais, transmitidas pelos Escritos da D. Sílvia. Há num dos seus opúsculos esta oração, feita em Lisboa, lá pelo ano de 1937:

«Meu Senhor / ordenai! Vossa sou! / mensageira das vossas misericórdias!

Apóstola do Vosso Coração; instrumento que maneja! Tudo guiai!

Sêde o Mestre / o Esposo divino; que de galas reveste a escolhida sua; pela mão a toma! E, juntos caminham à busca da alma que recostar-se vem, no peito do Mestre!»¹²

Pela regeneração e pela unção do Espírito Santo, a Sílvia foi consagrada pela acção do mesmo Espírito para ser testemunha e mensa-

¹¹ Cf. Cx. 4, Dc. 1. Há neste escrito uma espécie de «diário» revelador da sua intensa actividade.

¹² Cf. Cx. 18, Dc. 2.

geira das Bemaventuranças evangélicas no mundo! O Espírito Santo que «unge» todo o baptizado, imprimiu também na Sílvia a Sua marca indelével; encheu-a com a santa presença de Deus, graças à sua união e configuração com Jesus Cristo. A «unção espiritual» foi vivida pela Sílvia Cardoso sentindo-se chamada à santidade. Este apelo à santidade transparece em muitas orações semelhantes àquela que ela fez na casa da Torre, em 24 de Novembro de 1901:

*«Neste caderno, de recordações passadas, três Actos o abrem, com a Atrição, os primeiros praticados, são para santa me tornar; e por que não hei-de ser, se o Santo dos Santos, habita no meu coração?»*¹³

Mais tarde uniu o texto citado sobre o seu anseio à santidade a este outro texto:

*«Posse dela tomou; para em Si a tornar, e por Ele em mim a Sua obra ser feita; pela Sua Obra na Sua Obra! Deus, em mim! Supremo poder! Imolado! Nas suas hóstias vivas viver, o que as santifica!»*¹⁴

A espiritualidade da D. Sílvia aconteceu dentro do estado de vida laical no qual podem existir várias «vocações», diversos caminhos espirituais e apostólicos, segundo os dons concedidos pelo Espírito Santo a cada fiel leigo. O Espírito Santo suscitou na Dona Sílvia o carisma da doação de si mesma para uma missão peculiar; permanecendo, porém, inteiramente na vida laical.

Ela teve consciência do seu «carisma» como transparece na oração feita em 20-3-1931.

«Pede a Jesus que tudo una no seu coração! Dispersos estão os elementos, mas num abrir e fechar de olhos, unidos estão!

A Aliança, feita para a formação da Obra, a 26 de Maio de 1928 na vigília do Espírito Santo!...

Filha, o país percorrerás! A Minha Corte formarás!

*Almas eleitas! Cadeia de Ouro! Unidos os elos, a coroa formada está, envolvida pelo Meu Coração, de Quem todas as ordens receberás, para derramadas serem por Ele sobre a humanidade!»*¹⁵

¹³ Cf. Cx. 4, Dc. 1.

¹⁴ Cf. Cx. 5, Dc. 2.

¹⁵ Cf. Cx. 5, Dc. 7.

A espiritualidade laical da D. Sílvia Cardoso está configurada pela fidelidade ao seu próprio «carisma». A vida e a obra da Dona Sílvia Cardoso foi uma graça do Espírito Santo, que ela recebeu com gratidão; soube discerni-la e realizá-la para amadurecimento da sua vida interior, para bem da Igreja e do mundo. Procurou sempre descobrir a vontade concreta do Senhor sobre a sua vida e a sua obra, recorrendo à escuta pronta e dócil da Palavra de Deus e da Igreja, à oração filial e constante, à direcção espiritual, fazendo uma leitura evangélica das diversas situações em que se encontrava. Prova disso são os seguintes desabafos espirituais, contidos na capa de um livro de apontamentos, escritos em 1928:

«Começou o trabalho de Nosso Senhor levando-me a escrever toda a amargura e o que na minha alma se passava!

O meu director, sem ler, tudo mandou queimar. Apenas guardei estas sem saber para quê! Deste e doutro livro, proibindo-me de escrever e que tudo inutilizasse!

*Filha, sois chamada a uma missão. Trazer a mim os pecadores! Vós em mim, tudo podeis, pois sois vós e não eu a agir!»*¹⁶

1.2. O seguimento de Cristo

Vivida e conduzida pelo Espírito, a vida espiritual da D. Sílvia foi um processo de santificação, concretizado no seu «seguimento e imitação de Jesus Cristo». Contudo há na sua espiritualidade cristã um estilo próprio de vida no «seguimento de Jesus, que o Espírito lhe inspirava nos momentos históricos da sua vida. Era uma pessoa piedosa; mas não se pode identificar a sua espiritualidade com a sua religiosidade, embora algumas práticas religiosas, devoções e exercícios espirituais fizessem parte da sua espiritualidade cristã. O mais importante na sua espiritualidade era a sua «vida interior», que as devoções exprimiam e fomentavam. Mas a sua vida interior manifestava-se no «Seguimento e imitação de Jesus», realizado pelo Espírito Santo que gerou Cristo nela. Ela foi modelo de discípulo, pela sua identificação com Cristo a Quem imitava, assumindo os valores do projecto de vida evangélica. O seu processo do «Seguimento» e da «imitação de Cristo», transparece em todos os seus Escritos.

¹⁶ Cf. Cx. 7, Dc. 3.

Sintomas deste seu processo espiritual são os seguintes acontecimentos espirituais:

- A adopção da assinatura de «Jesus das santas Chagas» assumida em Pedras Salgadas em 1930:

«Seja feita a vossa vontade! Desde hoje: Sílvia de Jesus das Santas Chagas!»¹⁷

- O voto de «vítima», que ela descreveu nestes termos:

«Em Maio de 1930 fui levada a apontar todas estas datas:
'Abril de 1928...

Dia 10 começou o retiro dado pelo Sr. Pe. Pinto, que terminou a 15.

A 16 é que me confessei pela primeira vez e vim para casa.

A 17 fiz o voto de «vítima»!

Começou a imolação, sentindo-me chamada cada vez mais para N. Senhor.

De 21 a 26 de Abril, estive na Granja dando-se nessa altura o retiro do Sr. Pe. Vaz. Todo esse tempo foi de verdadeira provação. 3 horas seguidas de imolação na Capela! Fui impelida na madrugada a tirar os brincos: de tudo N. Senhor me queria desprendida! Morta a tudo; um caminho desconhecido se abriu para mim. Na madrugada de 26 de Abril vigília do Espírito Santo: Uma mudança completa em mim mesma!

Fui à Capela da Ramada Alta. Fazia-se o mês de Maria, no altar de N.ª Senhora da Conceição, onde colocaram o Santíssimo!

Sobre o «crucifixo de marfim, o pensamento!

Envolvendo o cordão d'ouro, com a rosa de marfim de S. Terezinha e o crucifixo d'ouro, do mesmo cordão, que comigo trazia sempre e que levei para esse dia ser colocado na chave do Sacrário da casa dos exercícios...!»¹⁸

- Num santinho escrito em 26 de Fevereiro de 1934 encontra-se esta oração:

«Entrego-me toda a vós, Senhor, na vida e na morte!

Renuncio a tudo, para que a vossa vontade se cumpra inteiramente! Consagro-me a minha vida, dando-vos a minha alma,

¹⁷ Cf. Cx. 18, Dc. 7.

¹⁸ Cf. Cx. 25, Dc. 2.

corpo e coração; tudo vos dou e unida aos merecimentos vossos, me ofereço a Vosso Eterno Pai, como holocausto perpétuo!»¹⁹

- Outro momento muito significativo no seu processo espiritual foi o seu despojamento na imitação de Cristo pelos três votos, segundo o que ela mesma escreveu num santinho, com uma cruz cercada de açucenas e rosas, em 23 de Fevereiro de 1931:

«Pobreza, castidade e obediência, votos solenes, firmados aos pés da cruz, nessa mesma em que se deixou pregar Jesus, o que o nosso coração deseja receber!»²⁰

Consciente da acção da presença de Cristo nela, em quem o Espírito Santo actualiza a sua Obra, a D. Sílvia escreveu num santinho de Jesus Crucificado, em 29 de Julho de 1932:

«Nada sou no meu nada!

Tudo podeis Senhor em mim e eu, nada sem vós, meu Jesus!»²¹

1.3. A secularidade da sua espiritualidade laical

A sua vocação de «fiel-leiga» à santidade, no Espírito e segundo o Espírito, verificou-se em forma laical pela sua inserção nas realidades temporais e pela sua participação nas actividades terrenas. O horizonte de compreensão da sua «espiritualidade secular» foi a construção do reinado de Deus na história humana, dentro da qual se situa a Igreja no Mundo; e na qual os leigos são expressão prototípica e paradigmática da secularidade da Igreja. A teologia tradicional da vida espiritual destacava na espiritualidade cristã a relação íntima entre a alma e Deus à margem do mundo, verificada no meio ambiente conventual, esquecendo que a espiritualidade está sempre «mediatizada pelo mundo», porque as almas só se santificam «corporeizadas» e relacionadas com as coisas e as pessoas, no tempo e no espaço, na sua relação com Deus. A «fuga do mundo» da «espiritualidade monacal» incluía o abandono das tarefas mundanas da família, da política, da cultura e do económico e outras realidades seculares, para se dedicar só a Deus, separando assim o secular do espiritual.²²

¹⁹ Cf. Cx. 36, Dc. 3.

²⁰ Cf. Cx. 5, Dc. 4.

²¹ Cf. Cx. 36, Dc. 7.

²² Cf. Cx. 36, Dc. 5; Cx. 5, Dc. 4.

O dedicar-se a Deus implicava o despreocupar-se do mundo e vice-versa; e o interessar-se pelos problemas temporais seria descentrar-se de Deus! Este modelo de espiritualidade entrou em crise com o desenvolvimento da Teologia da Criação e da Encarnação do Verbo de Deus no humano e mundano, sublinhando a autonomia das realidades terrestres e o valor divino do humano e do mundano. Nesta perspectiva da espiritualidade cristã, considero que a Dona Sílvia foi uma leiga que se santificou no mundo; e se identificou com Cristo pela «mediação» das realidades humanas e mundanas. Nem os cuidados familiares nem as ocupações profanas foram alheias à sua vida espiritual. Mas toda a intensa actividade da sua vida foi uma forma de união com Deus, cumprindo a Sua vontade; e um serviço do amor redentor prestado aos homens, levando-os à comunhão com Deus em Cristo. A Serva de Deus D. Sílvia Cardoso, estava bem em toda a parte, correndo dentro da vida! A sua meta era Deus! Só em Deus repousará! Alguém chamou-a «andarilha de Deus», que percorreu o país de lés a lés com as «asas da caridade» Mergulhada nos seus dramas, transformava-os em júbilo para os outros! Desdobrava-se em prol de quem precisava de auxílio. Via o Senhor nas suas Chagas, pregado na cruz dos pobres; e na Sua Ressurreição, glorificado na montanha das nuvens luminosas!²³

Para a Dona Sílvia Cardoso as realidades humanas e mundanas eram sacramentos do seu encontro com o Deus Criador e com Cristo Redentor das almas! Encontrando-se com Deus em todas as coisas, a realidade era transfigurada pela sua fé que descobria Deus no mundo, reconhecendo a Sua presença nos acontecimentos da vida. Fez das realidades seculares o sacramento do seu encontro com Deus no mundo!

Esta perspectiva da sua espiritualidade secular é uma constante nos seus Escritos. Destaco apenas alguns deles.

- Profundamente crente na Providência Divina, a D. Sílvia fez dos acontecimentos da sua vida uma forma sacramental do seu encontro com Deus, colhendo muitos ensinamentos da experiência da vida. Num carta, escrita na Quinta da Torre, Paços de Ferreira, em 3 de Outubro de 1935, encontramos este texto:

*«A minha vida inteira, daria um romance! Tudo conheci!
Noiva fui e pelo que passei e senti, melhor vi o que é sofrer! E
o nada da vida!*

²³ Cf. Cx. 36, Dc. 5.

Perdi o meu noivo, ou antes serviu-se Deus de mim para lhe dar a crença e o levar a Si! O que tão bom era e que tanto bem fazia, legando aos pobres o que possuía. Tudo me deu: jóias, um enxoval riquíssimo; quis que fosse a Inglaterra visitar casas de roupas e a Paris, onde a irmã dele, que me acompanhou comprou vestidos. Tinha um verdadeiro fanatismo por mim. E, ainda sem fé, me dizia: Talvez a sua missão seja outra na terra:

Valer aos infelizes e aos desalojados pelas injustiças dos homens, que já nada esperam.

Crente e educada desde criança na frequência dos sacramentos, bem compreendia ele o quanto devia sentir por estarmos unidos pelo coração e não de alma!... Provou-me Deus para que melhor conhecesse a dor a fraqueza humana!...»²⁴

Não faltaram a Dona Sílvia Cardoso cruces e espinhos. Mas ela fez delas uma forma sacramental do seu encontro com Deus, sobretudo da doença que a conduziu à morte. Longe de sucumbir, cada aflição moral só a fortalecia na fé, mesmo quando era julgada uma pobre mulher e destravada; de saco às costas a pedir para os pobres, desbaratando dinheiro em benefício dos outros! Não usava os cilícios dos grandes ascetas! A sua ascese era a das pombas da analogia evangélica: a simplicidade na pureza! O sofrimento no meio do mundo foi nela uma força que a transfigurava na sua identificação com o Cristo Crucificado! Refractária às abstrações desencarnadas e ao absurdo dos fatalismos, fazia das realidades cotidianas uma forma sacramental de seu encontro com o Salvador!

Sem nada ligar aos caprichos da moda nem à flutuação dos critérios sociais foi julgada por alguns pelos seus aspectos exteriores anacrónicos. Mas os seus Escritos revelam que a D. Sílvia era uma mulher de grande riqueza interior, com profundezas carregadas de mistério e de vida em que, sem impugnações nem desalentos, agia a sua alma de eleita! Tudo isto transparece em alguns textos das suas cartas.

Numa carta escrita na Gandra, em 9 de Outubro de 1935, para a D. Margarida de Pinto Mesquita, por ocasião de uma crise grave, que ela pensou ser um cancro ou ferida no estômago, desabafa a sua alma nestes termos:

²⁴ Cf. *Ibidem*; ESPEJA - *La espiritualidad*, sobre a «Secularidade e a Identidade laical», p. 73-152.

*«Minha muito querida Amiga.
Bendito seja Deus!
Cobertas de lágrimas, na Capelinha de Gandra, todas comovidamente agradecemos a graça recebida (segue o relato do acontecido e termina)
Mas estou conformada com tudo, até não mais trabalhar; já ficou feito, por isso foi bom tanto que aqui se fez!
Pode ser que Ele não queira mais nada de mim! Ele tudo determina bem, nós é que não entendemos!»*²⁵

Há muitos outros testemunhos da grandeza da sua alma, sobretudo nas cartas que ela escreveu na sua última doença, que a conduziu à morte, em 2 de Novembro de 1950. Numa carta escrita em Paços de Ferreira a uma amiga, em 6 de Abril de 1950, ela retrata-se assim:

*«Minha muito querida Amiga.
Consoladora me foi e muito a sua tão amiga cartinha, cheia de tanto carinho e interesse; embora longe, mas sempre em espírito unidas, por Aquele mesmo Amor, que tudo move na terra e irradia nas almas, mesmo na treva, em que a luz não é vista, mas as acompanha ocultamente!
Tudo saibamos oferecer ao Senhor com Amor!»*²⁶

Tudo isto que os seus escritos revelam é uma confirmação dos muitos testemunhos de quem com ela conviveu. Na sua residência da Foz do Douro, Antero de Figueiredo escreveu-lhe o seguinte cartão, datado de 9 de Fevereiro de 1950:

*«Minha santa amiga
Só os justos sabem sofrer; por outra só, só os santos, tudo suportando, sabem agradecer a Deus o amor que Ele lhes tem, expondo-os às provações!
Não a esqueço nunca!»*²⁷

Noutro cartão a 24 de Março, repisava os mesmos sentimentos, dizendo:

«Não a esqueço nunca! Muito devemos às almas santas como a sua.

²⁵ Cf. *Ibidem.* in NEVES - *O Anjo*, p. 37-42.

²⁶ Cf. Cx. 4, Dc. 1.

²⁷ Cf. Cx. 2, Dc. 60.

*«São elas que amparam o Mundo pecador, que por ele intercedem junto de Deus».*²⁸

A Dona Sílvia santificou-se no mundo fazendo das «bagatelas do cotidiano» sacramento do seu amor a Deus e ao próximo. Foi uma mulher de «mãos abertas» na total doação de si mesma ao próximo»; e de «mãos juntas» na oração ardente, que é a «última palavra na arte suprema da civilização», no dizer de Lamartine.²⁹

Sem estigmas nem levitações, submetida humildemente ao poder operativo da Graça, dava testemunho de Cristo nas coisas profanas, tratando dos problemas administrativos e económicos da sua Obra. Os pobres faziam parte da sua vida, descobrindo Jesus nos pobres, o Pobre mais pobre de todos os séculos! Sem medo dos sarcasmos de quem lhe chamava obcecada e louca, os pobres tudo lhe mereciam! Pode servir de testemunho disto, a Carta da D. Sílvia, escrita em Paços de Ferreira, em 27 de Dezembro de 1930:

*«Rev.mo Senhor
Só hoje tive ocasião de responder à carta de V. R., que verdadeiramente me surpreendeu e penalizou.
Deixo à consciência de V.cia. o seu proceder. Deus é justo e como tudo vê e conhece, saberá compensar!
Tenho a dizer a V. Rev.cia que por várias vezes para o pagamento da compra da Quinta Amarela, foi levantado dinheiro no Banco do Minho e só em fins de Janeiro consegui liquidar as contas com o mesmo Banco, conseguindo o preciso a juros mais favoráveis de particulares, mas com dificuldade!»*³⁰

Para D. Sílvia, cada pobre é um naufrago no mar da miséria. Nenhum serviço deve ser mais urgente do que o socorro a naufragos! A aceleração da sua perfeita caridade está patente no Ofício que ela dirigiu ao Senhor Presidente do Conselho, em 28 de Outubro de 1939, nestes termos:

*«Exmo Senhor Presidente do Conselho
Contando já vinte e tantos anos de existência o Asilo e Creche de Santo António, de Paços de Ferreira e estando legalizado à face da lei, com estatutos aprovados e tudo regularizado e os orçamen-*

²⁸ Cf. Cx. 2, Dc. 60 e Dc. 63 e 65.

²⁹ Cf. Cx. 2, Dc. 34 e 39.

³⁰ Cf. Cx. 2, Dc. 7.

tos em dia; é de toda a justiça que seja contemplada à medida do bem que espalha.»³¹

«Órfãs de todo o país ali têm sido colocadas, aplicadas nos serviços domésticos. Tiradas foram à mendicância, em várias terras do país. Para não fechar as portas desta instituição, um enorme esforço estou a fazer.

Há cerca de 4 anos, não me tem vindo rendimentos alguns do Brasil, quando anualmente se dispense nesta obra, cerca de 70 contos.

O que em tempos consegui de esmolas, foi para o hospital, que abri e que entreguei mais tarde a uma direcção... Assim venho com toda a justiça, pedir para que V. Ex.cia atenda à exposição feita...»³²

Na sua espiritualidade laical, a D. Sílvia aprendeu a amar os homens «por Amor de Deus, em Deus e para Deus», fazendo dos seus encontros com todas as pessoas sacramento do seu encontro com Deus! A sua jaculatória predilecta, rezada tantas vezes na contemplação das obras do Senhor, é uma expressão disso mesmo. Na manhã de 27 de Dezembro rezou assim no fim da Missa:

«No coração d'um Deus, visto por um só Amor, n'Ele visto em Amor, o seu Amor, a sua Obra! Pelo seu coração, em Obra, visto, em Sacrário eterno! Um só coração! Uma só Obra! Um só Amor em Obra, vista em Amor!»³³

Num santinho, com a imagem de Nossa Senhora e o menino Jesus no berço, escreveu a seguinte oração:

«A Obra mais linda, em Amor tecida. Pela criança, trazida; para em Amor ser visto. O Amor! Em Maria!, Jesus! O Amor! A Luz! A Vida que tudo faz raiar pelo esplendor do sol, no brilho mais vivo, o Amor; a ofuscar pela brilhante claridade, o Amor divinizado, no mais assombroso Amor, gerado; para à luz o Amor ver em constelações divinas, abertas de Amor; a ofuscar as almas o clarão do Amor, em trinado vivo, ouvido o mais mavioso canto e o mais sonoro hino escutado».³⁴

³¹ Cf. *Ibidem*, in NEVES - *O Anjo*, p. 89 s.

³² Cf. Cx. 2, Dc. 8 e 10.

³³ Cf. Cx. 2, Dc. 34.

³⁴ Cf. Cx. 30, Dc. 2.

- Descobrimo Deus na sua família e a família em Deus, bendisse a sua família muitas vezes, em orações semelhantes a esta, com a data de 12 de Junho de 1938:

«Família abençoada! Por Jesus marcada, para que a campo saia e o caminho tome em busca das Almas! Toda ela unida ao mesmo Senhor, que os Céus e a terra e o mar criou e as suas leis deu, para que seguidas todas na terra estabeleçam o Reino de Cristo nas almas».³⁵

A D. Sílvia santificou-se no mundo fazendo da «realidade secular» sacramento do seu encontro com Deus, descobrindo-O em Tudo! Cultivou sempre esta dimensão espiritual das realidades humanas e profanas. É esta a atitude espiritual que transparece na meditação feita em 28-3-1940:

«União sempre constante com Deus e amaremos o próximo por Amor de Cristo!

A sinceridade sempre nos conselhos e nas palavras! O Senhor é conhecedor de tudo e ama a verdade e premeia-a!

O que não tem caridade não pode ser Servo!

Sacrifiquemo-nos uns pelos outros!

Onde estiver 2 ou 3 reunidos estarei entre eles, diz o Senhor!»³⁶

A espiritualidade da D. Sílvia assumiu também o acontecimento da morte dos seus familiares e amigos, redescobrimo em Deus o sentido da morte e da vida! Assim falou ela em Penafiel a 20 de Julho de 1947:

«Mãe, minha Ana; por um só Amor visto n'ela; em Obra, Maria / por um só Amor, n'Ele, em Obra, Jesus! Como em Maria, a sua Obra: o Seu Amor... Em mortalha de amor, visto o Amor, no Amor, por um só lençol, a envolvê-Lo, para em toalha d'Amor, ser visto o Amor...!»³⁷

II. A VIDA ACTIVA NA ESPIRITUALIDADE DE D. SÍLVIA CARDOSO

A vida da Sílvia Cardoso foi um testemunho eloquente da espiritualidade laical, realizando a existência cristã no mundo, no

³⁵ Cf. Cx. 30, Dc. 1.

³⁶ Cf. Cx. 36, Dc. 12.

³⁷ Cf. Cx. 10, Dc. 3.

«Seguimento de Cristo pela acção do Espírito Santo. Sobressai nela a sua actividade apostólica, que deve ser interpretada teologicamente como uma participação eloquente no tríplice múnus «sacerdotal profético e real de Jesus Cristo». Exerceu o seu «sacerdócio baptismal consagrando a Deus no mundo a existência que viveu como hóstia agradável a Deus! Unida a Cristo-Profeta, sobre quem desceu o Espírito Santo para evangelizar os pobres, foi constituída em «profeta» e em «testemunha» de Cristo. Nela brilhou a novidade e a força do Evangelho na sua vida quotidiana e em todas as suas obras! A realza de Cristo manifestou-se na sua santidade, no dom de si mesma para servir a causa do Reino de Deus, na caridade e na justiça. Fê-lo redescobrimo o próprio Jesus presente em todos os seus irmãos, sobretudo nas crianças, nos doentes, nos pobres e nos marginalizados. A sua intensa actividade apostólica fez dela um testemunho de Deus num contexto sócio-cultural da sociedade secular, incómodo, difícil e até hostil à religião. Reconhecendo Deus no próximo, amou e serviu toda a gente, participando da «maternidade espiritual» do Espírito Santo, que gera em Cristo os filhos de Deus!

Vivendo uma espiritualidade encarnada, o homem foi o lugar sagrado do seu encontro com Deus. O mundo dos pobres era para ela templo de Deus onde perscrutava a sua presença! Encontrando a Deus no mundo dos homens, contemplava o seu mundo com o olhar da fé!

Discernindo os «sinais do Espírito», dedicou-se inteiramente a muitas obras, vivendo uma vida heróica nas condições comuns e ordinárias da existência humana. Segundo o esquema tradicional sobre as vias de perfeição espiritual, a da D. Sílvia Cardoso começou por ser mais «via activa» do que «via contemplativa»; por estar enquadrada mais no «paradigma evangélico» de Marta do que no «paradigma contemplativo» de Maria; tornando-se progressivamente «contemplativa na acção»; para terminar «activa na contemplação»! Esta evolução da sua biografia interior, presente nos seus manuscritos, está bem retratada num escrito a data do 8 de Agosto de 1948, com o título «desmoronar». Tal escrito faz parte duma carta dirigida à sua sobrinha Maria José da Eucaristia, em quatro folhas de carta, escritas nos dois lados.

«Era necessário que a Irmã, assistisse à derrocada; fossem testemunhas, como o foram do passado; para crucifixão ser dada e em Obra vista; pois no plano de Deus, nada escapa e tudo por Ele tem de ser julgado, com justiça e Amor; duas obras, numa só

Obra, a justiça e o Amor; para na Verdade, ser assente a Palavra de Deus como no Amor o foi!...

Na altivez não mora o Amor e só na humildade reside a Caridade. A ti minha filha, que atordoada ias, eu bem te vi, mas nada dizia! Até que a hora chegasse e a Palavra de Deus ouvisses, para depois de escutada, outro fosse o teu proceder! Envolvida e levada por um caminho, fora do trilho; que querias tu; só amarguras te estavam reservadas.

Martirizada ser pelas próprias raparigas e numa confusão viver, até que à tua porta bata e pela mão te tome! O Lar aberto? Mas para quê, Senhor? Para vos dar glória vim, meu Deus! Mas ela falha e por quê? porque o Espírito Santo ali não paira; tudo é feito ao correr, n'um vai-vem sem terminação e sem as Almas, ali procurarem! A perfeição? Onde está ela? Não se ver; fugiu; voou como borboleta que se espantou e n'outra flor pousou! E a Amadora! Palácio encantado para o sonho de Amor ser n'ela desvendado; pela fada do Amor, Deus na sua obra viver! A que lhe foi tirada!

Arrancada; esmagada, para nada dela existir e uma Vida Nova ser vista!... Sim, minha filha, toda a derrocada foi dada por permissão minha; para orgulho ser abatido e uma obra, na humildade ser vista. Com os pequeninos Me quero; os simples de coração; os pobres de espírito; e os que desamparados de todos estão.

Esses, minha filha, são os tomados, para n'eles a Obra de Amor, por mim ser levada pela Vida n'elas. Vais ser em minhas mãos, o instrumento amado; sempre o foste; para por mim seres esmagada e o teu Amor, purificado; e desprendida de todos e de tudo; te veres morta a tudo, embora com Vida. A minha Vida em ti, minha filha! Plano meu, sem igual visto; o Meu amor em Obra, pelo meu coração n'ele A viver o Amor para em Obra ser visto o Amor; em Caridade tornado, pela misericórdia!»³⁸

Vivendo os dons peculiares, concedidos pelo Espírito Santo, com heróica perseverança, a D. Sílvia dedicou-se exclusivamente e com generosidade às obras de Deus e à felicidade do próximo.

A sua caridade evangélica fez dela uma mãe do próximo caído nos caminhos da vida, entregando-se às tarefas mais diversificadas; sem perder, porém, a sua unidade interior. Sobressai na sua espiritualidade a sua comunhão com Deus, na comunhão e pela sua comunhão fraterna e maternal com as crianças, com os doentes, com os po-

³⁸ Cf. Cx. 28, Dc. 2. (A sua atitude na morte de amigos em Cx. 25, Dc. 10; 35, Dc. 6, etc.).

bres e os marginalizados. A D. Sílvia foi um coração incendiado pelo Espírito Santo por quem muitos se reconheceram amados por Deus!

As «Obras do Amor em Amor vistas pelo Amor», segundo o seu modo de dizer, são as seguintes:

1. A obra das crianças

A D. Sílvia não se especializou em ciências humanas, mas possuía a sabedoria do amor evangélico que soube descobrir nas crianças as sementes do mundo de amanhã, o Menino Jesus das palhas de Belém. Confrangia-se-lhe o coração perante o espectáculo das crianças órfãs, abandonadas ou vagabundas! Sonhou e fundou para elas várias casas nas quais milhares de crianças não se destroçaram na vida, porque Dona Sílvia lhes lançou os seus braços inquebrantáveis com amor de mãe! A obra dos Patronatos, que ela fundou, foi sempre uma das suas obras predilectas. Há nos seus escritos muitas informações sobre alguns dos seus Patronatos.

«Em 14 de Março de 1921 foi inaugurada oficialmente a crèche de Santo António de Paços de Ferreira, que começa em 1919 com quatro crianças. Numa carta da Sílvia, escrita em forma de circular, ela pede recursos na Gandra em 27-1-1930, dizendo:

‘Confiada no generoso coração de V.cia venho lembrar-lhe mais uma vez o Hospital e a Crèche de Paços de Ferreira, dos quais V.cia. tem sido tão generoso protector.

Na Crèche, tenho gasto todos os meus rendimentos, indo para lá todos os géneros que produzem minhas propriedades. Tenho lá aproximadamente 60 crianças, que tenho que sustentar e vestir, além das Religiosas que delas tratam. Como este ano preciso de comprar-lhes alguma roupinha, assim como lençóis para as camas, pois está tudo muito gasto, já precisam de ser substituídas, venho pedir a V. Ex.cia para que auxilie estas obras. Deus Nosso Senhor recompensá-lo-á generosamente de todo o bem que tem feito, já que as pobres crianças e os doentinhos o não podemos fazer. Eu estou sobrecarregadíssima, tendo uma dívida de 200 contos que me vi obrigada a fazer para comprar e reparar a Quinta Amarela, onde está estabelecida uma Obra de Reparação e Adoração, espero que muito bem fará à nossa querida Pátria. Há poucos dias também, abriu em Vila Nova de Gaia a casa do Bom Pastor: e como o governo apenas cedeu a casa, foi necessário comprar tudo. Para a Crèche só peço no Concelho de Paços de Fer-

reira, esperando que todos contribuam, conforme as suas posses, para a sua conservação’». ³⁹

A obra das crianças foi das mais importantes na actividade da vida apostólica da D. Sílvia, segundo as informações dos seus próprios manuscritos.

O manuscrito de Maio de 1928, sobre a fundação do Patronato da Sagrada Família em Espinho, diz:

«Exmo Sr:

Em Maio de 1928 vim iniciar com mais umas pessoas, que comigo se dedicam a tirar da rua a criança, para a educar e afastar da mendicidade e dar-lhe alimentação precisa. Até hoje, só consegui uma ajuda para fornecer-lhe o pão e a sopa duas vezes por dia. Todo o professorado e a renda da Casa tem estado unicamente a meu encargo, na esperança de conseguir verba para a continuação desta Obra de carácter social e que de todos merece simpatias. Provisoriamente estou na Casa duma amiga, mas tem que mudar. A casa que melhor nos servia é o prédio que V. Excia. tem e que me dizem que se aluga ou vende. Esperançada na benevolência e auxílio da V^o Ex.cia. ousou solicitar-lhe que venha em ajuda destas pobres crianças tão selvagens. Tem sido árdua a nossa missão — só Deus o sabe — as dificuldades com que tenho lutado... pois na minha terra, quase que sustento cerca de 100 crianças, e na maioria internas e tiradas à desgraça...

V. Excia. não me conhece mas tanto em Lisboa aonde trabalhei 13 anos em obras sociais, como em todo o país, pode colher informações e para mais segurança as de aqui de Espinho, pois consegui que aceitassem a Direcção desta Obra, o Srs. Fausto Neves...

Pois tomei acção, conseguindo todo o pessoal para o Hospital de Espinho que não tem ainda casa própria, como V^o Exc^a muito bem conhece». ⁴⁰

A fundação da Amadora, destinada à protecção de todos, começou pequenina como a criança, como ela diz numa Carta escrita na Amadora, em 4 de Janeiro de 1941, dando origem ao Patronato e à Casa de Trabalho de Santa Teresinha, na Quinta do Bosque na Amadora.

³⁹ Cf. Cx. 2, Dc. 53.

⁴⁰ Cf. Cx. 2, Dc. 8.

«Exmo. Senhor

Não desconhece V. Excia o bem e tanto vai espalhando, que não ficaria bem, se não levasse ao seu conhecimento uma grande Obra, sem fundos alguns, presentemente, e que por Sua Eminência foi acolhida numa propriedade, pertencente ao Patriarcado, que há 20 anos custou 400 contos... Há umas cem pessoas que recebem auxílio desta Obra, destinada a todas as classes de Sociedade desde as senhoras mais finas até às sem meios, aqui são recolhidas até terem para onde passarem, até às mais humildes e se estão em idade de trabalhar e serem colocadas. E uma Obra de protecção a todos, pois começa pelas crianças pequenas, que aqui tomam a sua refeição, e quando estão em idade escolar são admitidas num posto escolar, que aqui funciona e casa de trabalho e aqui se educam.

Provisoriamente recebem-se, que as mães deixam sem abrigo, quando estão nas Maternidades, até voltarem ao lar.

Aos Domingos são dadas conferências aos empregados dos diversos estabelecimentos, que tomam as refeições e passam parte do dia. Permita V.cia que lhe envie uma cópia da aprovação e se houver por bem acolhê-la no seu coração agradecemos...»⁴¹

Noutra carta, sem data, ela manifesta a sua preocupação sobre a Obra das crianças, contendo muitos dados sobre a sua vida apostólica.

«Não há consolação maior que o dar-se! Há 25 anos que todos os meus rendimentos são absorvidos nas instituições de caridade da minha terra, Paços de Ferreira; aí tenho um asilo e Crèche onde estão internadas órfãs de todo o país e duas da terra do Sr. Dr. Oliveira Salazar, são cerca de oitenta. Para esta instituição ainda não consegui casa própria, como já tenho para o Hospital e asilo de velhos; para não fechar as portas a estas instituições... Estamos neste mundo para fazer o bem na esperança de conseguir levantar a sociedade decaída, pelos nossos sacrifícios... Fui chamada há 9 anos para abrir esta Obra, por Sua Eminência; aqui resido, indo por várias terras do país, abrir patronatos e sopas; felizmente muito se tem conseguido.

Perdoe-me V. Ex.cia tornar-me tão extensa, mas queria, pelo exposto, dar uma ideia de tudo.

Morreu-me o meu noivo em 1913, nas vésperas do casamento e como ele era médico, o meu primeiro trabalho foi o hospital; a se-

⁴¹ Cf. Cx. 2, Dc. 52.

guir as várias Obras por todo o país, onde me conhecem desde Trás-os-Montes ao Alentejo...»⁴²

O amor maternal impaciente e incansável da D. Sílvia multiplicou no país as obras para a infância. Em Penafiel pôs a funcionar o Patronato, a Sopa dos Pobres, o Internato Margarida Alves Magalhães; em Espinho, o Patronato da Divina providência; no Porto, o Lar das Florinhas e o Lar de Santa Rita; em Lisboa, mais Patronatos e Sopas para os Pobres, merecendo especial menção a fundação da Casa dos Rapazes de Barcelos, porque, dizia ela: também eles têm alma para salvar!

2. A Evangelização feita pela sua «obra dos retiros espirituais para leigos»

Vivendo em comunhão íntima com o mistério do «Cristo Enviado», a D. Sílvia participava do ardor de Cristo pela salvação das almas; amava os homens como Jesus os ama, fazendo-se irmã e mãe daqueles que encontrava na vida. Perscrutando os misteriosos caminhos do Espírito, a sua primeira forma de evangelização foi o testemunho da sua própria vida. Possuída pelo espírito apostólico e missionário, o contacto pessoal foi outra via de evangelização, praticada pela D. Sílvia na conversação directa ou por carta, quer sob a forma de interpelação à conversão, quer sob a forma de exortação ou de discernimento da consciência. Mas a «Obra dos Retiros para leigos» foi a via da evangelização que mais a absorveu, segundo os seus próprios manuscritos.

Diz ela numa carta dirigida ao Pe. Moisés Alves de Pinho, escrita em Paços de Ferreira, em 10 de Novembro de 1931:

«Não pode deixar de se sensibilizar quem mais de perto entrou no conhecimento do que se passa na Obra dos Retiros, a primeira sem dúvida e a que mais consolações dá! Espero que N. Senhor irá guiando as coisas de forma a tudo se poder organizar como deve ser. A par desta devia haver uma obra onde acolhamos as almas transviadas e as que ainda não caíram, mas que necessitam de amparo e protecção até se lhes dar rumo...»⁴³

Iniciara a Obra dos Retiros espirituais na Casa de Sequeiros no Concelho de Lousada em 21 de Janeiro de 1923. Procurou casas pró-

⁴² Cf. Cx. 2, Dc. 39.

⁴³ Cf. Cx. 2, Dc. 42.

prias nos diferentes locais do país. Convocava as pessoas por convite pessoal e participava activamente na organização e realização dos Retiros. Vejamos um modelo de circular com a qual a D. Sílvia fazia o convite para os retiros.

«No piedoso intuito de propagar e engrandecer o culto da religião católica, que é a base fundamental da vida e felicidade dos povos que a professam, eu tenho a honra de convidar a V. Excia para as conferências religiosas que se vão realizar por eruditos e sábios.

Conferentes Eclesiásticos, nos dias... a... do mês de... na Casa de Sequeiros a 20 minutos de distância da estação de Penafiel, servida de vários comboios ascendentes e descendentes e em cuja casa os assistentes, além das sublimes práticas sobre moral cristã, encontrarão o azeite, conforto e alimento salutar adequado às necessidades de corpo e do espírito e (social).

Esperando que V. Excia pela sua elevada categoria mental e social e para exemplo edificante da nossa regeneração moral e social se digne aceitar este tão humilde como piedoso convite, eu tomo a liberdade de me subscrever...»⁴⁴

Numa carta da Sílvia Cardoso, escrita em Elvas a 25 de Maio de 1936 a D. Manuel da Conceição Santos, encontramos o que transparece nos seus escritos sobre os Retiros Espirituais.

«... No retiro dos homens um baptizou-se e neste de mulheres estão muitas para casarem, mas esperamos que comunguem ainda cerca de 40. No dia 29 começará o das Senhoras convindo que V. Excia Revd.ma. Vou procurar conseguir-lhe transporte, sendo favor indicar o dia e a hora. Com cumprimentos muito respeituosos das Senhoras agradecendo as bênçãos de V. Ex. Rev. para os nossos trabalhos.

Com muita estima e respeitosa consideração lhe beija o Sagrado anel. A Sílvia Cardoso Ferreira da Silva».⁴⁵

Encerrada a Casa de Sequeiros, a D. Sílvia abriu a da Granja na freguesia de Gandra, no concelho de Paredes, a 14 de Março de 1927, numa cerimónia a que presidiu o bispo do Porto D. António Barbosa Leão. Só de 1927 a 1930, fizeram ali o retiro 34 cavalheiros, intelec-

⁴⁴ Cf. Cx. 3, Dc. 8.

⁴⁵ Cf. Cx. 2, Dc. 7.

tuais e estudantes; 438 senhoras, 350 lavradores e operários; 318 lavra-deiras e criadas de servir; 378 Filhas de Maria; 112 crianças de 10 a 15 anos. Entre os intelectuais que ali fizeram estão citados Alfredo Cortês e Dr. Joaquim Dinis da Fonseca e Antero de Figueiredo.

A D. Sílvia considerava que os retiros eram um meio muito eficaz para levar o cristão a entrar dentro de si mesmo, condição indispensável para que ele saiba o que é e o que deve ser. Foi assim que ela se dirigiu ao Dr. Antero de Figueiredo, em 23 de Março de 1928:

«Meu Ex.mo e bom Amigo.

Permita que assim o trate, já que a mais santa amizade me leva a importuná-lo.

Contava poder falar-lhe de viva voz, melhor exporia o meu desejo; mas o tempo vai tão invernososo, que não se pode sair de casa e tenho já a 26 que estar na Granja; pois, nessa manhã, terei que mandar esperar a Valongo o Rev.mo Sr.p. Vaz Serra, que vem de Pontevedra. A 27 é que começa o retiro para cavalheiros, já de formação religiosa. Peço-lhe para assistir às conferências... Mas, queria ainda mais; permita-me a franqueza; que conseguisse trazer o Dr. Antunes Guimarães e o Dr. Faria, professor de Liceu, assim como o Dr. Ângelo César, isto no Domingo, 1 de Abril...»⁴⁶

Obrigada a abandonar a Casa da Granja, Dona Sílvia continuou a cruzada em que se lançara. Acorrendo ao apelo do Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, fundou em 1932 a Casa de Retiros da Quinta do Bosque, na Amadora. Em 1938 fundou a Casa de Retiros de Quintela, perto de Penafiel. Pôs a funcionar a Casa de Campanhã, e também a casa de Retiros de Elvas. Aproveitava ainda os tempos, fora das épocas balneares, para organizar retiros nessas instâncias.

Promoveu retiros em diversas dioceses, a pedido dos respectivos prelados. Há nos seus manuscritos muitos dados informativos sobre esses retiros.

Numa das cartas dirigida pela D. Sílvia a uma amiga e colaboradora, em 16 de Agosto de 1935, podemos ler o seguinte:

«Minha Amiga.

Não lhe podia dizer nada sem receber a carta do Sr. Arcebispo, que como verá, acha melhor adiar... O que temos a fazer é adiar

⁴⁶ Cf. Cx. 2, Dc. 24.

e ficará para o ano, porque mais cedo não posso; dar-se-iam então seguidamente os dois retiros, para Senhoras e cavalheiros, lá para a quaresma...

Veja a Violeta se os anima e traz pelo menos 6, facilite tudo. Sei que virão 3 rapazes... não sei se de Braga ou de Guimarães... A 14 de Setembro, a casa é cedida toda às costureiras e o mês de Outubro e Novembro é passado em retiros na diocese de Vila Real.

Está em casa de meu irmão aqui o Sr. Arcebispo de Évora... Também queria muito que em Novembro fosse para a diocese dele. N. Senhor tudo vá guiando e em nós se cumpram os seus desígnios... Sílvia Cardoso». ⁴⁷

A Serva de Deus reconhecia que o verdadeiro apóstolo de Jesus tem de O seguir, com humildade, com amor, com sacrifício.

Foi com esse espírito que manteve a «Obra dos Retiros espirituais» com todo o entusiasmo até ao fim da sua vida. O seu compromisso na Obra dos Retiros transparece na troca de correspondência entre ela e outro apóstolo da sua geração.

*«Exmo. e Rev^o Senhor
Padre Inácio Veigas,
Religioso Capuchinho na Igreja d'Alcântara
Lisboa (lateralmente)
Paços de Ferreira, 7 de Julho de 1950,
Sílvia Cardoso.*

Revmo. Senhor:

Sou eu que venho agradecer o postalzinho e agradecer os bons desejos. Continuo de cama e mal; sem poder sair e talvez tenha que me submeter a um tratamento, porque não posso alimentar-me e estou a enfraquecer cada vez mais; em poucos dias abati 6 kilos. Assim não pode contar comigo; mas tomara eu que daí escrevesse e animasse o grupo; pois consigo-lhe a casa na Rua Falcão 864, Casa da Acção Católica. O que é preciso é haver no Porto, quem receba os cavalheiros e quem trabalhe nesse sentido. Não conhece um rapaz? O resto, tudo se arranja e anunciava-se, desde que tivéssemos uns 80.

Foi com pena que li o seu postal, mas N. Senhor quer-me na cama talvez para partir breve. Que em tudo se faça a sua vontade e só glória se lhe dê! Com as melhores lembranças nossas, espera não ser esquecida aos pés de N. Senhor. Sílvia Cardoso». ⁴⁸

⁴⁷ Cf. Cx. 20, Dc. 24.

⁴⁸ Cf. Cx. 2, Dc. 73.

A caridade apostólica da D. Sílvia considerava que o homem é um perpétuo indigente. Mais do que de pão e dinheiro, o homem precisa de Deus, da Vida nova do Evangelho! A heróica e piedosa «trapeira de Deus» abria o regaço e apanhava tudo para a todos transformar! O Evangelho tem os seus paradoxos! Não admira que a D. Sílvia procedesse paradoxalmente, ela que vivia, com paixão mística, o Evangelho inteiro! Dona Sílvia tinha a intuição evangélica para se meter pelas almas dentro até descobrir no fundo delas os secretos motivos da sua perturbação e da angústia! Mas também viveu inenarráveis alegrias de ter feito a descoberta de diamantes, que agradecia à transbordância da bondade de Deus. Fez muito mais do que o que escreveu, mas o que escreveu sobre o que viveu e fez é suficiente para revelar a sua alma apostólica. Dominada pelo seu zelo apostólico, um dia escreveu a António Nobre nestes termos (sem data):

«Pedimos perdão duma tão grande demora em agradecer a V. Excia. os livros que tão gentilmente quis emprestar-nos. Com este interregno na minha mão tão grande correspondência, pude mergulhar-me à vontade nas belezas do 'Dor Bendita'. É um livro sublime, que muito nos agradou; é desses que, falando-nos da terra mais nos avizinha do céu!... E do 'Só'?

Há-de querer V. Excia. que lhe digamos as nossas impressões, não é verdade?

Está muito bem feito, tem coisas lindas, mas não satisfaz inteiramente. E agora diria V. Excia.: Que difíceis são estas Senhoras! Não gostaram do 'Só'?!... Mas então de que gostam V. Excias.? Quais os livros que preferem? Eu, D. S. gosto daqueles que singelamente e originalmente escritos, as minhas aspirações mais secretas exprimem, as mil coisas lindas que sentimos e não sabemos dizer! Daqueles que, após a sua leitura, deixam ainda, por longo tempo, o mimo do perfume e num como deslumbramento do céu na alma!... V. Excia. é um catálogo vivo!... Mas que maçada lhe demos, valha-nos Deus!

Tomei nota do livro que V. Excia. diz que eu faria bem em ler, e V. Excia. não? Eu prometo rezar por V. Excia., recomendá-lo ao meu Santo predilecto, St^o António. Mas V. Excia. tem já tão boas almas a pedir por si! A sua Exma. Irmã, por exemplo, tão boa, tão extraordinariamente simpática a todos, e mais a Deus, por certo, ela desfará com suas mãos santas, essa cadeia que V. Excia. diz a rir, em tom de comédia e que, agora falando a sério, lhe merecerá, pelo menos algumas aquecidelas no Purgatório! E agora Senhor Doutor, resta-nos apenas pedir-lhe a fineza de nos fazer

lembradas a sua Excia. irmã... e sua gentil Sobrinha; agradecer-lhe todas as suas gentilezas para conosco e desejar-lhe muitas felicidades e muita saúde.

*Com muito reconhecimento
Sílvia Cardoso da Silva». 49*

3. A Obra de Jesus pela «união das almas»

Outra característica da espiritualidade da D. Sílvia Cardoso foi a sua comunhão com Cristo, vivida e cultivada no encontro com os seus evangelizados pela acção do mesmo Espírito que a conduzia, no qual os evangelizados evangelizam os evangelizadores pelo mistério da sua conversão. Esta dimensão da sua intensa actividade apostólica transparece nos seus manuscritos que nos revelam a sua consagração à «união das almas». Foi assim que ela escreveu em 9 de Maio de 1936 em Elvas:

«Em letras de ouro será gravado o vosso nome, circundando o vosso coração. Brilhantes estrelas, luzeiros vivos do vosso amor, seremos, Senhor! Outros Cristos na terra, acolhendo a todos no vosso coração que é nosso Senhor! Filhas somos vossas, as predilectas do vosso Amor! Mensageiras das vossas misericórdias! As almas levando a vós!... A nossa divisa:

'Dar Jesus às almas! As almas a Jesus levar!'» 50

Esta divisa da D. Sílvia foi o centro de inspiração de muitas das suas orações apostólicas. Num livro de Maio de 1938 está escrito na capa: «Escritos que me senti obrigada a escrever para guardar!»

«O mundo remiste pela vossa Cruz! N'ela, vos adoramos! Em nós e em todas as criaturas! Imagem vossa somos! As que Vos imitamos. Mortos a tudo! Embora no Mundo! O Mundo deixamos! Por ele passamos! Vós, em nós levamos! Para vos dar as almas de Vós afastadas! Conhecido não sois dos que vos não amam! Por eles, Senhor, direi: Para serdes amado, tornai-Vos conhecido!» 51

Em folhas dispersas do seu «diário entre dois jubileus» — 1910-1935 — há uma série de informações indiciadoras da sua intensa actividade apostólica.

⁴⁹ Cf. Cx. 3, Dc. 14.

⁵⁰ Cf. Cx. 20, Dc. 1.

⁵¹ Cf. Cx. 20, Dc. 1.

«A 21 de Janeiro de 1923 abria a Obra dos Retiros entregue a Stº António e Stº Inês; e na Amadora em 1932 a 19 de Março. Voto a 1 de Abril de 1917 e a 1928 a «união das almas». 52

Em 26 de Março de 1946 formulou em oração a sua divisa apostólica da «união das almas», dizendo:

«Deus, levado às almas! A Jesus, demos tudo; e com Ele, pelo Seu Amor em nós, tudo teremos, a Vida, o Amor, Lembrança d'amor é o coração do Senhor, em amor tornado para em nossas almas ser visto! A viver em todo o nosso ser, pelo nosso proceder!» 53

Em 15 de Abril de 1944 cantou assim a sua divisa da «união das almas»:

«Tesouro Celeste! divinal festim! Agrupamento d'Almas, a cercar o Cordeiro Imaculado; pelos lírios da pureza revestidas, no abraço Amigo, em que ligados fomos, para a maior Obra vista!... Divinal encanto, apetecido Amor todo cercado de brancas flores; qual mariposa, borboleta viva, a pousar em todas!... A Obra do Seu Amor! berço encantado, coberto de flores, todo cercado d'Amores; singelas boninas, do prado saidas, qual mariposas, a levar a Boa Nova! Em açafates d'oiro, o próprio amor, envolvido; em constelações d'Amor, todo o Amor unido! N'uma só Rosa! N'uma só flor! N'um só Amor, o Amor de Deus contido!» 54

Contemplando o mistério da conversão das almas, no qual se sentia unida ao Senhor pela mediação dos convertidos, ela rezou muitas vezes em formas semelhantes a esta que colhi no manuscrito de 7 de Dezembro de 1936.

«Bendito seja o bom Senhor o que os dois cálices nos fez beber! Exalta minha alma e louva Aquele que grandes maravilhas opera em pobres criaturas! De fracas, fortes torna! E a miséria de graças reveste! Encanto dá aos que o não têm e formosas as almas torna! Elevá-las vem! Até ao Seu trono!

Para vassalal suas escolhidas foram as que mais de perto as suas misericórdias fez conhecer; elevando as que humildes foram! Para de todos as fazer morrer a si!» 55

⁵² Cf. Cx. 25, Dc. 6.

⁵³ Cf. Cx. 26, Dc. 7.

⁵⁴ Cf. Cx. 26, Dc. 5.

⁵⁵ Cf. Cx. 35, Dc. 11.

«A união das almas em Cristo» transparece também em muitos dos seus manuscritos relativos aos seus directores espirituais e à direcção espiritual, que ela mesma praticou. Depois de um encontro espiritual, ela fez a seguinte oração:

«Meu Deus dá-me cada vez mais a 'ciência das almas'! Chegai-me a elas pela inteligência e pelo coração!...

*Meu Deus, cresci em minha alma e transformai-a para que eu possa trabalhar no meu aperfeiçoamento interior! Que eu me faça toda para todos! Que eu trabalhe para bem das almas, com Jesus e para Jesus».*⁵⁶

O chamamento à missão gerou na D. Sílvia a dimensão missionária da sua espiritualidade, deixando-se conduzir pelo Espírito Santo, Protagonista da missão, em todas as suas actividades. Para confirmação de tudo o que já foi dito, registo aqui uma síntese da Carta da D. Sílvia Cardoso, dirigida a D. Maria Manuela de Sá Nogueira A. Figueiredo, com a data de 9 de Maio de 1948:

«Minha Boa Amiga.

A sua cartinha foi para mim motivo de grande prazer pois há muito tempo que nada sabia de si, quando passei em Lisboa duas vezes quis muito ir procurá-la, mas não me chegou o tempo. Passei quase desde Outubro a Dezembro nas terras do Alentejo em obras de missão; só numa terra se baptizaram 800 pessoas, isto na passagem de N. Senhora estando eu em 25 terras; faz pena não haver Clero nem Catequistas... Gostaria muito de lhe falar e de a ouvir, pois calculo bem o que se passará na sua alma sempre imolada e conformada com a vontade do Senhor! É o Senhor visto em obra no mundo das almas pelo seu Amor em obra nelas! Também no dia 25 tive que me sujeitar inesperadamente a uma operação que durou cerca de uma hora, levando 25 pontos.

Enfraqueci bastante e agora ainda me encontro no Pavilhão do Hospital na minha terra, onde graças a Deus nada me falta... Tinha agora uns Patronatos a abrir, espero em Deus que ainda me dê forças para isso. Um seria em Espinho onde não há nenhuma obra de assistência religiosa. Peço esperando que se una daí a todas as minhas intenções e eu também farei o mesmo.

⁵⁶ Cf. Cx. 34, Dc. 4.

Que Deus

lhe dê força para, cada vez com mais ânimo, se abraçar à cruz de cada dia. Com particular estima permita que carinhosamente a beije a que lhe é grata e dedicada no Senhor.

*Sílvia Cardoso F. da Silva».*⁵⁷

Em 11 de Dezembro de 1936 sentiu-se chamada a um comprometimento missionário mais amplo, que ela formulou nestes termos espirituais:

«Vai filha!

Traz a mim os que fora do meu coração estão!

Casas de formação tereis para as missões!

Preparadas por mim! Vós tudo fareis em mim!

*Comigo tudo tereis!»*⁵⁸

Outra característica da espiritualidade da Serva de Deus foi a sua solidariedade com os movimentos apostólicos do seu tempo e abertura a todas as obras de apostolados que encontrou, reconhecendo nelas o Senhor da sua Obra em Obras!

Percorrendo os seus muitos manuscritos descobre-se na sua espiritualidade uma ligação particular da sua Obra ao movimento da Acção Católica e outros movimentos de renovação. Esta solidariedade apostólica transparece numa das suas orações místicas, com a data de 1939:

*«!3 Obras vivas, para em 27 ser marcada a Obra dum Deus, na do seu Amor, pelo Seu Amor, na sua Obra, a tudo chamar a Si, numa só Obra, onde todas as Obras vivem, no Amor dum Deus, tornado Obra, na Obra do Seu Amor! A Acção Católica, que a todos une num só Amor, pela Acção de Deus na sua Obra a viver, em união de Amor numa só Obra e num só Amor; o Castelo vivo do seu Amor!»*⁵⁹

Além da sua ligação à Acção católica, sentia-se também ligada à Obra da Irmã Rita, o que transparece no seu pequeno livro «A HORA SANTA DO MENINO JESUS DE PRAGA». Reconhecendo nessa obra apostólica a Obra do Senhor da sua Obra, ela meditava assim:

⁵⁷ Cf. Cx. 2, Dc. 51.

⁵⁸ Cf. Cx. 18, Dc. 4.

⁵⁹ Cf. Cx. 7, Dc. 4.

«Em duas Obras assente o mesmo Amor, por um só Amor em Obra na Sua Obra! O Livro do Amor em glória / Deus! 'Nas tuas mãos Divino Menino o anel o alecrim contido para n'ele ser vista a ligação em união tornada por dois corações n'ela a viver n'um só Amor, o do Espírito'!...»⁶⁰

Reconhecendo na Obra dos Salesianos a Obra do Senhor da sua obra, fez a seguinte oração, em 23 de Dezembro de 1949:

«Assinalando em Amor, o Seu Amor, por um só Amor, n'Ele, visto em Obra e em Amor, a viver! Obra eterna / O Seu Amor; em Obra n'Ele pelo Amor em duas Obras!»⁶¹

Em 16 de Setembro de 1947 foi à Casa do Gaiato levar duas bolas, entregues ao R.º Pe. Américo. Reconhecendo na Obra do Pe. Américo a Obra do Senhor da sua Obra, rezou assim com a sua fórmula mística habitual:

«Em transformação d'Amor, a Obra vista; por um só Amor em Obra, n'ela visto, em Amor / Deus /; a agir, Ele; para na sua Obra, em Amor viver, o Amor; pelo Amor, no Amor!»⁶²

4. A Obra de Jesus na Obra dos Pobres

Outra manifestação da espiritualidade da Serva de Deus, Sílvia Cardoso, foi a vivência da sua união com Cristo pela «mediação do pobre», em que reconhecia a presença de Jesus; e a quem dava o testemunho do amor de Cristo por eles, com o seu amor de irmã e de mãe! Esta dimensão da sua espiritualidade transparece na oração que ela fez na Igreja de Tibães, em 8 de Junho de 1934:

«Os vossos desígnios são incompreensíveis, Senhor!
Conhecê-los não podemos, Senhor!
Vai filha, não há limite nesses confins; no mundo das almas todas são Minhas! Irmãs tuas!»⁶³

Nos manuscritos de Sílvia Cardoso, pobres são os «pecadores» que carecem de Deus e de sentido para a vida; pobres são as «crian-

⁶⁰ Cf. Cx. 18, Dc. 30; Cx. 35, Dc. 16.

⁶¹ Cf. Cx. 30, Dc. 1.

⁶² Cf. Cx. 28, Dc. 2.

⁶³ Cf. Cx. 36, Dc. 7.

ças», que carecem na sua debilidade do carinho, de amparo e protecção; são pobres também os que carecem de pão material e os «marginalizados da sociedade».

A espiritualidade do «pobre» era a fonte do sentido das suas Obras, segundo a sua própria oração. Meditando no sentido das suas Obras rezou em 1945 nestes termos:

«Em permanente união, os Carmelos habitados são as Casas dos Exercícios para n'elas, um só Amor ser visto; em caridade espiritual, e material! Ao Amor visto, para conhecido ser e em Obra, manifestado o Amor / Deus! Em vivo lampadário visto, o Coração de Cristo! Sempre a arder, em labareda viva, o Amor; para Amor ser a Obra do Amor / Cristo!»⁶⁴

A D. Sílvia Cardoso foi reconhecida por «andarilha de Deus» com o «alforge da caridade» às costas, enchido aqui e além, conforme calhava; ia esvaziá-lo junto das camas dos hospitais, nas creches, nos Patronatos, nas celas das prisões e noutros lugares onde houvesse alguém que necessitasse de auxílio; onde Jesus sofresse na carne e nas almas dos seus irmãos!»

A oração feita a D. Sílvia na capela da Conceição Pestana em 18 de Dezembro de 1936 é mais uma expressão da sua espiritualidade de pobre que se encontrava com o Deus dos pobres nos próprios pobres, a quem se dava!

«Missionar vai! Levar a todos os recantos o Nome de Cristo! A oração de C. Rei diz e em nome de todas as criaturas!...
A Cristo as criancinhas dá e aos afastados traz! Vai às viúvas;
aos mendigos o que te derem reparte! À criança e ao pobre tens que escrever!
Eu sou o que tudo movo em ti!»⁶⁵

A caridade da D. Sílvia foi um testemunho eloquente de que a «humanização do Espírito e a espiritualização do humano» conduz o cristão até ao homem, e mais concretamente, até ao próximo «necessitado», espiritual e materialmente! Ela soube descobrir nos «pecadores e nos pobres», a convergência entre o divino e o humano! O Deus revelado em Jesus Cristo e nos seus santos quebra os esquemas dos homens, revelando o Mistério da Sua Transcendência divina no menos

⁶⁴ Cf. Cx. 18, Dc. 21.

⁶⁵ Cf. Cx. 18, Dc. 6.

Divino da história, na pessoa impotente e débil! Se o Deus cristão é o Deus dos pecadores e dos pobres, é neles onde Deus se revela de forma especial! Foi neles que a D. Sílvia encontrou Deus, fazendo da sua vida pobre com os pobres, uma dimensão da sua vida, «segundo o Espírito e conduzida pelo Espírito!» Há muitos textos nos seus Escritos, reveladores da sua biografia interior, que manifestam esta dimensão da sua espiritualidade. Registo aqui apenas alguns extractos duma Carta dirigida pela D. Sílvia ao Sr. Arcebispo de Braga, em 7 de Fevereiro de 1949, sobre alguns problemas concretos.

«Para garantir e evitar tais perigos... declarei em carta de consciência ao futuro sucessor da Casa da Torre, residência nossa, que ficaria com o encargo da sustentação das obras por mim fundadas. É às classes pobres e humildes que eu pretendo chegar e acho que a Igreja tem toda a vantagem nisso pois por falta de luz e educação religiosa tantos seguem caminhos errados, que talvez não tenham responsabilidade, porque quem não recebe não pode dar. Se não tomarmos as crianças, rapazes e Meninas com a onda avassaladora que atravessamos...»

*O anelo maior da minha vida há anos para cá tem sido salvar e educar a criança que se afunda e prestar mais atenção às classes que lutam pelo pão de cada dia!...»*⁶⁶

Conduzida pelo Espírito Santo, havia também no ideal da vida activa e apostólica da Serva de Deus, Sílvia Cardoso, a preocupação por transformar o «selvagem do homem em humano e o humano em Divino!» Por isso, além da fundação da Casa de protecção às raparigas na Amadora, ela manifestou já no último ano da sua vida a intenção de fundar outras, como se deduz duma carta escrita a uma amiga em 5 de Janeiro de 1950.

*«Ainda gostava de abrir mais duas casas de protecção à mulher; mas há-de ser o que Deus quiser; Ele melhor sabe do que nós, o que nos convém; embora à nossa natureza custe o deixarmos esta vida. Vamos ver como tudo se encaminha, como bola, me coloco na Mãos do Senhor!»*⁶⁷

«Contemplativa na acção», Sílvia Cardoso superou o mero «assistencialismo» e não caiu no perigo de instrumentalização dos pobres pe-

⁶⁶ Cf. Cx. 2, Dc. 54.

⁶⁷ Cf. Cx. 2, Dc. 60.

los seus benfeitores de qualquer cor, mas foi sempre um testemunho do amor de Deus pelos pobres. Descobrimo a presença de Jesus no próximo abandonado, cultivou a sua união com o Senhor pela «mediação do próximo necessitado».

Assim transparece numa oração encontrada num Santinho, com a gravura de S. Vicente de Paulo, feita em 1938:

*«Aos pobres acolheis; a todos estendeis a mão; abrigo dais em ternura às criancinhas a quem Jesus mostrais! Pequenino no presépio; grande no Calvário; e poderoso no Céu! As portas abri de par em par, para o que Caridade tem! Modelo sois na terra, vivo espelho d'Esse... que era todo Caridade!...»*⁶⁸

III. A EXPERIÊNCIA MÍSTICA NA ESPIRITUALIDADE DE SÍLVIA CARDOSO

A experiência mística é a característica mais impressionante da espiritualidade laical da Serva de Deus, Sílvia Cardoso. Segundo os seus manuscritos, a sua vida espiritual sofreu uma alteração profunda nos últimos anos da sua vida, sendo configurada na sua «união íntima e profunda com Jesus Cristo» pela acção do Seu Espírito. Ela viveu a experiência inefável da «proximidade gratuita e gratificante do Senhor que irrompeu na sua vida e a transformou! Depois de 1931, os rascunhos da sua vida interior revelam um itinerário espiritual semelhante ao dos Místicos do cristianismo. Guiada pelo Espírito Santo, a Sílvia aspirou sempre pela santidade e pelo ideal da perfeição evangélica. Procurou-a pela «imitação de Cristo» na sua Obra apostólica. Mas na sua ascensão espiritual para Deus foi surpreendida por uma «iniciativa gratuita do Senhor» que a lançou no itinerário da vida mística! São muitos os seus apontamentos que revelam esta modificação da sua vida espiritual. Lá pelo ano de 1931 escreveu numa folha de papel de carta um apontamento espiritual que manifesta a consciência que ela tinha do chamamento divino à vida mística.

«Será possível realizar esse ideal d'amor a Jesus e ao próximo! Não será devaneio aspirar a tão alto, eu que rastejo pela terra e não realizarei esse ideal divino!»

⁶⁸ Cf. Cx. 34, Dc. 22.

*Confia em Deus... e não no meu nada! Vós em mim tudo podeis!
Posso tudo n'aquela que me fortalece na Montanha impossível
de subir, se não fôr com a graça!*

*Se eu quiser, tudo faço, fortalecida e amparada por Aquele que
tudo pode, Dono dos dons, para realizar esse ideal de amor, que
depende de mim se quiser cooperar com a graça. Nada me sepa-
rará da Caridade de Cristo! Queimemos os defeitos no fogo do
Seu Amor!...»⁶⁹*

A sua união com Deus em Cristo pela acção do Espírito Santo, gerou na D. Sílvia a vida mística. Então a sua alma tornou-se progressivamente um carvão ardente, aceso por Deus no seu infinito Amor! Quando a sua alma foi imersa no fogo do amor divino, a sua perfeição evangélica cresceu até à união nupcial, tal como o ferro perde a sua negridão crescendo até ao branco! Foi esse fogo divino que a conduziu à pura contemplação na oração! A sua oração tornou-se muito frequentemente semelhante à seguinte oração, feita em 6 de Dezembro de 1934:

«Tens em ti / Jesus!

Por Ele vives e com Ele caminhas! Errada não vais!

*Teus passos são dados por o mesmo Senhor que de ti se serviu
para realizar maravilhas! Deixa-te guiar como o cego apoiado ao
bordão!»⁷⁰*

Sentindo a presença gratuita e amante do Senhor, a Serva de Deus alcançou um conhecimento amoroso da presença de Deus nela, a certeza de que o Senhor está dentro dela! Tudo isto transparece muitas vezes na sua oração, de modo semelhante à oração que ela escreveu num Santinho em 1931:

*«Assim como o pão transformo no meu Corpo, o mesmo con-
vosco fiz!*

Sou eu que vivo em vós!

Vós a viver em mim! Querida do meu coração!»⁷¹

1. O itinerário da sua vida mística

No processo espiritual da Sílvia Cardoso verificou-se uma progressiva incorporação em Cristo, imitando-O e transformando-se n'Ele

⁶⁹ Cf. Cx. 34, Dc. 22.

⁷⁰ Cf. Cx. 36, Dc. 7.

⁷¹ Cf. Cx. 36, Dc. 4.

pela participação de Seu Espírito. Segundo os seus Escritos, a D. Sílvia cultivou no seu itinerário espiritual a «via ascética» do desprendimento do eu, a prática da vida virtuosa, procurando a harmonia das dimensões da sua pessoa com a Vontade de Deus sobre si mesma e suas Obras. No processo de «morrer a si própria para renascer em Cristo», a D. Sílvia foi surpreendida na sua biografia interior pela graça de Deus que a chamou e introduziu na via mística à qual ela correspondeu com uma atitude activa e generosa, deixando de «ser em si e para si mesma», para ser «em Deus» e «para Deus»; sem deixar, porém, de ser ela mesma! Há no seu itinerário místico fases análogas às de outros Místicos.

- Ela foi introduzida no caminho místico num encontro gratuito e imprevisível do Senhor com a D. Sílvia, que exigiu dela uma nova conversão, o qual a D. Sílvia recorda muitas vezes nos seus manuscritos.

*«Nada receies! Não te perturbes sobre o que disse o Sr. Pe. Pinto.
Eu estou contigo, minha filha; o demónio não temas! Sou Eu que
te guio. Os obstáculos vencerei; o triunfo é do meu coração! N'Ele
vive e confia inteiramente! Entrega-te ao meu poder e força terás
para tudo vencer!»⁷²*

- Na fase da «infância mística» da D. Sílvia abundam as conso- lações, os fervores espirituais, os desejos de perfeição.

Na iniciação da vida mística houve muitas vivências concretas da sua alma, que a abriram para uma vida mística mais profunda.

*«No Meu coração, tudo saboreeis! Doçura na amargura, con-
forto no desalento. Sou Pai, que vela; Irmão que sente, Amigo que
se dedica e Esposo, que se sacrifica! Abandona-te cada vez mais
ao Meu Amor!*

*Sou Eu filha a abrir caminho, levando a Cruz! Com Jesus tudo
se pode!*

Com Jesus tudo se vence!»⁷³

- O processo místico é sempre muito pessoal, tendo cada alma mística de recorrer a seu modo o caminho traçado por Deus. Embora não houvesse no itinerário místico da D. Sílvia uma fase de «purifica-

⁷² Cf. Cx. 7, Dc. 2.

⁷³ Cf. *Ibidem*.

ção» tão notável como noutros Místicos, contudo abundam nos seus manuscritos os desabafos da alma, próprios dos místicos na fase da penitência, das tentações, das provas, da contradição e dos sofrimentos!

«Rasguei as vossas carnes com os meus pecados!

Que miséria eu sou! Pecar não quero mais, tal é o mal que vos causei. De dor quisera morrer, Senhor! Minha alma entrega-Te toda ao seu amor e à meditação da sua paixão! Que amargura vos fiz passar!

Quando fel vos dei a beber!... Perdão, perdão, Senhor, vos pede esta alma pecadora, que cheia de miséria se vê! Dai-me o vosso Amor, ó dai-mo, Senhor! Morrer quisera a vossos pés morrer e arrojada em terra me sumir no nada, pois nem poeira sou perante vós, Senhor!»⁷⁴

- A fase da «união transformante» no processo evolutivo da sua experiência mística é a mais documentada pelos seus escritos. Descreve a sua experiência de «união com Deus» em termos de «matrimónio espiritual» à semelhança de outros Místicos. Seguindo a analogia da imagem do matrimónio humano há no seu «matrimónio místico» os diferentes momentos nos quais as «núpcias espirituais» são anunciadas, preparadas e solenizada a sua celebração; sendo, porém, difícil identificar a duração de cada uma das fases da mística nupcial da Sílvia. Entre as muitas e variadas expressões da sua vivência mística do matrimónio espiritual escolhi esta:

«Meu doce encanto e Amor do meu coração! A vós me uno, na mais profunda adoração! Sois Pai, Irmão, Amigo e da minha alma Esposo! A vossos pés, deponho a gratidão do meu coração e as primícias da vossa Obra vos ofertamos, Senhor!...»⁷⁵

2. A contemplação mística da Sílvia Cardoso

Embora a experiência mística não se identifique com a contemplação mística, contudo há repercussões mútuas entre os dois fenómenos. Concentrando as «potências da sua alma» na união com Deus Criador e Salvador foi conduzida à contemplação de tudo em Deus, redescobrando assim a dimensão divina de tudo, pela graça mística conce-

⁷⁴ Cf. Cx. 7, Dc. 2.

⁷⁵ Cf. Cx. 28, Dc. 4.

da gratuitamente pelo Senhor. Contemplando o Amor de Deus nas suas Obras, rezou assim nas «Vigílias de Espinho» em 23 de Março de 1949:

«Em vigília eterna, uma só Obra; o Amor / O Amor, n'uma só vigília; visto, em Amor e em Obra; a viver / A eterna vigília / O Amor / A Obra / Deus! Pelas vigílias, vistas em Vigília eterna; a viver, pelo Amor, com Luz eterna, visto acesso na Caridade!»⁷⁶

Embora não seja fácil discernir o dom das «graças místicas» da D. Sílvia, parece claro que ela gozou da «oração de quietude e da oração da união». Concentrado o seu interior em Deus, procurava o recolhimento interior centrando as potências da sua alma na contemplação do Amor e da Obra divina nas suas Obras. Para conseguir a concentração de todos os sentidos isolava-se, procurando os tempos e os espaços que lhe favorecessem a oração contemplativa. São muitos os tempos e os lugares que a D. Sílvia procurou para rezar assim:

«Ouvir a voz do amado. A Obra maravilhosa da transformação das almas na graça! Presos pela miséria da carne e do sangue, Fechar ouvidos!

Posso cavar a minha desgraça! A maior obra que há neste mundo: santificação das almas!

Ouve a minha voz! Segue as minhas indicações. Ser chamada a uma vida de intimidade com Ele para prosseguir na sua missão. Que quereis que eu faça?

Seguir as suas inspirações! Formar o espírito e a imaginação! Povoar a memória de conhecimentos úteis à sua missão, formando a sua vontade na escola da obediência! Submissão amorosa à vontade de Deus! A vontade soberana de Deus que obedeço por amor! Formação interna: Educar e regular a nossa actividade exterior!»⁷⁷

A sua contemplação foi mais afectiva e operativa do que intelectual, porque as suas «inspirações e iluminações» brotavam da sua afectividade fervorosa para com o Senhor, presente na Obra das suas Obras.

Estas dinâmicas afectiva e operativa transparece em muitas das suas orações semelhantes à seguinte, datada em 1942:

⁷⁶ Cf. Cx. 9, Dc. 3.

⁷⁷ Cf. Cx. 10, Dc. 2.

*«Noivado de Amor, visto no Amor! Deus na Sua obra a viver! A Obra e Vida, na do seu Amor, pela eternização do Amor no Seu Coração, visto; O Manancial do Amor; em rio, a correr; para a água doce, misturada ser, no Grande Mar, A Obra divina, em variação sempre, as ondas do Amor, num só Amor Assente! A Água viva! O Amor! Deus! Fonte perene de Amor o seu Amor, em Obra visto!»*⁷⁸

Concentrada a sua interioridade em Deus, a D. Sílvia viveu a «mística da união das almas», mas não faltou nela a «mística da criação» que contempla a Deus nas suas criaturas e as criaturas em Deus! Unindo a «mística da alma» à «mística do Universo», há na experiência mística da D. Sílvia um movimento circular que vai do exterior da contemplação de Deus nas suas criaturas à contemplação de Deus presente no interior de si mesma; e pela sua íntima união com Deus presente em si mesma redescobre Deus nas criaturas e as criaturas em Deus. Pela contemplação do Criador nas suas criaturas descobriu na Criação as «vozes do Bem-Amado», a Providência divina na história concreta e real da sua vida e nas suas Obras. Um dos exemplos desta visão mística das criaturas transparece na sua linguagem das flores, uma das suas loucuras!

*«O céu e a terra, belezas encerram! Gosá-las podemos!
Para nós foram criadas! Ainda mesmo n'este vale de lágrimas;
o Céu temos; em Jesus! Alegria! A alma, em festa! A Alma, em flor!
A render louvores, ao Criador! Por todo o seu Amor!
Neste Jardim de rosas floridas todas, pelo Redentor, colhidas;
foram as margaridas; os cravos e rosas! Os mal-mequeres, em bem-
mequeres, tornados! Se já, a Jesus, demos o nosso coração! Em
tudo sejamos singelos; sempre dócil à voz do Senhor; que em toda
a alma se faz ouvir!»*⁷⁹

3. A mística apostólica da Serva de Deus

A contemplação da presença de Cristo Salvador e Redentor no mistério da conversão dos pecadores foi o centro das vivências e experiências místicas da Serva de Deus. A Redenção é a Obra que ela contempla e canta em todas as obras de apostolado na Igreja. Sente-se

⁷⁸ Cf. Cx. 10, Dc. 2.

⁷⁹ Cf. Cx. 8, Dc. 1.

identificado com Cristo Redentor na transformação das almas pela graça da salvação! No processo da sua interiorização progressiva, a D. Sílvia redescobriu e contemplava a presença do Cristo da Paixão, primeiramente em si mesma; depois em todos os apóstolos do Reino e apostolados que conheceu. Esta «mística do apostolado» transparece explícita ou implicitamente em todas as orações, sobretudo desde o momento em que foi introduzida na via mística pela graça do Cristo Redentor.

A contemplação do Cristo crucificado transparece em muitas das suas orações, feitas à semelhança daquela que ela rezou em Tibães, a 8 de Junho de 1934:

«Vinde meu Jesus; vinde ao meu peito! Que o vosso coração vive no meu! Desprende-me de tudo e ligai-me / para que eu viva unida a Vós e abraçada à Cruz / Abraçada à Cruz, eu quero viver; e morrer, beijando Meu Jesus!

Na Chaga do Sagrado lado entrarei; e por ela, passarei à minha eterna morada:

*O vosso coração! Sentir eu possa, todo o vosso Amor para o levar às almas e a Vós os trazer, Senhor!»*⁸⁰

O encontro místico com o Crucificado no mistério da conversão dos pecadores transformou a sua vida espiritual, vivendo os Mistérios da vida de Cristo. A sua vivência dos mistérios de Cristo, no horizonte da sua intuição mística da Obra de Redenção, transparece em várias orações, feitas por ocasião da celebração do Natal, contidas nos Cadernos com o título: «Horas do Menino Jesus de Praga». Na hora Santa do Menino Jesus de Praga, feita no Natal de 1948, ela registou por escrito a sua contemplação do Mistério na Encarnação à luz da Obra da redenção nestes termos:

*«Aberto o livro da vida, para tudo em Amor ser visto e n'Ele uma só Obra haver, Jesus / Jesus, na sua Obra e a sua Obra n'Ele a glorificação eterna; em Obra n'um só Corpo vista / Obra e Amor / A Vida e a glória em trono vivo visto o Amor / Deus / Glorificado na terra, como no céu, por um só Amor em Obra, Ele, n'um só Reino visto, o Eterno Amor! Em duas Obras assente o mesmo Amor, por um só Amor em Obra na sua Obra!»*⁸¹

⁸⁰ Cf. Cx. 36, Dc. 7.

⁸¹ Cf. Cx. 12, Dc. 30.

Pela sua contemplação mística de Cristo na sua Paixão Redentora, fonte da salvação das almas, a D. Sílvia redescobriu a presença dinâmica do Mistério da SS. Trindade na Paixão de Cristo e na Obra da Redenção; sem chegar, porém, à «mística trinitária» de outros Místicos do cristianismo. Isto transparece nas suas orações místicas semelhantes aquela que ela fez Entre-os-Rios, a 8 de Setembro de 1944:

*«Um só Cravo! Uma só Rosa! Uma só glória! Um só Amor! Na Obra dum Deus Amor! Toda a Obra gloriosa por um Deus marcada, no Seu coração; para todos aberto, em união d'Amor, n'uma só Obra e numa só glória! Ao Pai e ao Filho, dada; para no Espírito Santo, ser assente a Obra do Seu Amor; por Ele, na Sua Obra, a viver, para a tornar n'uma só Obra! Deus n'ela e ela em Deus!»*⁸²

IV. A DIMENSÃO LITÚRGICA DA ESPIRITUALIDADE DE SÍLVIA CARDOSO

A Liturgia foi para a D. Sílvia a grande fonte da sua vida espiritual, o grande sacramento do seu encontro com o Mistério do Cristo Redentor. Segundo os seus manuscritos, a sua oração pessoal estava centrada e inspirada na celebração litúrgica dos mistérios da Redenção no Ano Litúrgico; sobretudo na celebração das grandes festividades do Ano do Senhor. O mistério celebrado na liturgia era interiorizado por ela na sua oração mística feita ao ritmo da Liturgia. Entre as muitas das suas orações, inspiradas na celebração do Natal e da Páscoa, registamos uma delas, feita na Páscoa de 1945:

*«Faça-se a vossa Obra; em mim / Senhor / Faça-se; pelo vosso Amor no meu a viver; em Amor; a união / A salvação pela união do Amor, visto n'ela; em pureza; pela Obra, mais linda! O Cordeiro visto em Amor; pelo Amor, no Amor; o Amor dos amores, n'Ele visto, em Amor / Vós Senhor / O Aleluia eterno; Vós Senhor a dar a mão; a todos pelo Amor, no Amor/ Unidos Senhor; para nos alegremos convosco, Senhor / pela vossa Obra em Obra, vista no vosso Amor! A mais linda Obra, em ressurreição vista, pela manifestação do Amor!»*⁸³

⁸² Cf. Cx. 19, Dc. 2.

⁸³ Cf. Cx. 19, Dc. 3.

Os símbolos da Liturgia pelos quais são celebrados os mistérios da fé evocavam no seu espírito a contemplação dos mesmos; e serviam-lhe para formular e testemunhar a graça da sua vivência mística, cheia de luz e de afecto: Há na simbologia da sua linguagem espiritual e mística muitos símbolos da Liturgia!

*«O Amor em constelações d'Amor; no lampadário vivo, aos Céus elevado; a contêr toda a luz; a lâmpada divina, em holocausto, vivo; a arder; para o mundo, iluminado ser num só Pão; um só Amor, haver; o que leveda a massa torna; toda ela, unida, para o Sabor divino, lhe ser dado: pelo carinho d'um Deus, na sua Obra Imolado!»*⁸⁴

1. A dimensão eucarística da sua espiritualidade

A Eucaristia foi sempre o centro da piedade cristã da D. Sílvia; a fonte e o cume da sua vida espiritual. A sua união mística com o Cristo da Eucaristia fez da vida dela uma «eucaristia viva»! Aprendeu a pensar a sua vida com a Eucaristia, transformando a sua vida espiritual à imagem e semelhança do mistério da Eucaristia! Esta sua identificação espiritual com a Eucaristia transparece em muitas das suas orações que estão cheias de riqueza espiritual e mística. As graças da sua contemplação mística brotavam da Eucaristia na celebração da mesma.

«Comungando na Missa, não há só o sacrifício, há imolação, consumindo a Vítima com o Sacerdote no acto da comunhão! Sou outro Cristo! Não sou eu que vivo, mas Cristo que vive em mim!

*Assistindo à Missa satisfazemos mais pelos nossos pecados do que em todos os jejuns e as maiores penitências, celebrando com o Sacerdote! Dou mais glória a Deus com a Missa e Comunhão, do que se Lhe conquistasse milhares de almas, não Lhe dava isso tanta glória, porque na Comunhão é o próprio Cristo que recebo!»*⁸⁵

A Eucaristia era o ponto mais alto do seu encontro com Cristo que transforma as almas e santifica o mundo! Numa festa do Corpo de Deus escreveu esta oração:

⁸⁴ Cf. Cx. 19, Dc. 4.

⁸⁵ Cf. Cx. 34, Dc. 21.

«Beleza incomparável escondida em brancas espécies velando a magnificência de que os Astros vestem e a terra criou e do nada tudo formou! Na aparência de pão Jesus Se deixou / Saciando a todos / Cobrindo de graças os que as tomam! Maravilha incomparável da grandeza d'um Deus, que todo se dá e tudo criou do nada! Só para nós, Semente! Aos homens quis dar a maior prova de seu Amor. Morrendo por eles, ofertando-Se Ele mesmo ao Eterno Pai! Assim na missa nos unimos a Ele pela Comunhão!»⁸⁶

As grandes orações da D. Sílvia surgiam habitualmente no contexto espiritual da Eucaristia, meditando nela ao seu jeito!

*«Vós, Senhor em Obra pelo vosso coração no Amor a manifestação do Amor dada em Amor!
O que dado me foi todo / Corpo do meu Corpo / Sangue do meu Sangue / O d'um Deus / verdadeiro, Senhor das Nações!»⁸⁷*

A sua devoção eucarística, constituída pela sua atitude interior para com o mistério da presença eucarística do Salvador das almas, criou nela uma dependência afectiva da Eucaristia. Esta sua devoção à Eucaristia transparece na «Obra da Reparação» que ela promoveu. Participou em muitas horas de adoração diante do Santíssimo exposto, durante as quais escreveu algumas das suas orações mais fervorosas. Numa dessas horas da adoração escreveu assim:

«Santíssimo Sacramento! Servos do Senhor! servos dos Servos! Seus servidores! Adoremos! Reparemos! Louvemos e desagravemos, Jesus, no Sacramento do seu Amor! O nosso desagravo perpétuo! A nossa imolação completa ao Senhor, nosso Deus! 'Coração marcado para aleluia eterno pelo Amor no Amor dado todo o Amor em Obra para o Amor em Obra ser tornado a oferta já feita, n'uma só Oblação d'Amor para a consagração ser dada, na elevação divina o Amor visto na Salvadora Hóstia na patena pousada para ofertada ser antes de elevada para n'ela um só Amor ser visto em Obra Deus!'»⁸⁸

2. A presença de Maria na espiritualidade da D. Sílvia

A devoção da Sílvia Cardoso à Virgem Maria foi sempre alimento espiritual para a sua fé, esperança e caridade. A sua devoção

⁸⁶ Cf. Cx. 34, Dc. 25.

⁸⁷ Cf. Cx. 34, Dc. 16.

⁸⁸ Cf. Cx. 11, Dc. 7.

mariana foi simples e cordial, evoluindo com o crescimento da sua vida espiritual até à contemplação mística do mistério de Maria. A presença de Maria na sua espiritualidade foi meditada e vivida dentro do horizonte da relação de Maria com Jesus e de Jesus com Maria!

*«Por Maria, a Luz veio, Jesus! A iluminar o Mundo!
Ascenda-se essa luz nos nosso corações, que como chamas vivas, abrasarão a terra, queimando as suas impurezas!»⁸⁹*

Muitas vezes, D. Sílvia contemplava o Amor de Deus em Maria, por quem entrava em comunhão com o Deus de Maria. Pela meditação evangélica do mistério de Maria, D. Sílvia entrava em contemplação do Amor de Deus na Obra de Cristo. Em 1946 fez na Fátima esta oração:

«Em pleno dia, a luz do Amor, Jesus! Em Maria o Amor, Jesus! O fruto de Vida pelo o Amor colhido em Amor! A ti Maria, todo o Amor encarnado em ti / Deus! O Amor! A Obra! A ti Maria, minha alma louva; por um único Amor; n'ela; a viver! O teu, no de Jesus, visto; pois que Obra Sua foste; assim como eu! Uma só Obra! Nas Suas mãos! Ele a tomar-me para a sua Obra ser feita, em Maria; como foi em ti!»⁹⁰

Pela contemplação do Crucificado, Sílvia Cardoso redescobriu Maria em Deus por intuição mística da Obra da Redenção, o que transparece em muitas das suas orações:

«Em ti, Maria, assente a grandeza infinita; nas flores, vista, pelos mal-mequeres em bem-mequeres, tornados; para n'uma só Rosa, o Amor ser assente; e n'uma só pétala, firmado pelo Coração da Obra; n'ela representado, por Deus, n'ela, n'uma só Rosa, em que pétalas, foram desfolhadas, para o Amor ser visto, em Obra em todas as Obras unidas, pela Acção Católica / Obra de, Amor e misericórdia!»⁹¹

Pela sua união esponsal com Cristo na Obra de redenção, a Serva de Deus redescobriu na Sua Mãe a Predilecta de Deus Pai, a Cheia de Graça, a Discípula seguidora de Jesus. Redescobriu nela a presença do Espírito Santo que a fez Mãe de Jesus e Mãe espiritual dos peca-

⁸⁹ Cf. Cx. 26, Dc. 6.

⁹⁰ Cf. Cx. 23, Dc. 1.

⁹¹ Cf. Cx. 22, Dc. 3.

dores, a Mãe dos pobres e das criancinhas sem mãe, reconhecendo-se a si mesma nela! Entre muitas orações, extrai este texto de uma oração, com a data de 10 de Setembro de 1944.

*«A Obra d'um Deus, na do Seu Amor! Pela aurora bendita, Maria, ao mundo oferecida a luz brilhante, no mais claro dia; a estrela mais linda, Maria; que Jesus nos trouxe! A brilhar, a claridade divina, na sua Obra, pela sua Obra, n'ela, pelo Seu Espírito, a renovar a face da terra, pela sua Obra na Sua Obra a torná-la toda bela e pura como em Maria!»*⁹²

3. A comunhão dos santos na espiritualidade da Sílvia Cardoso

A vivência mística do Cristo Redentor das almas reconduziu a Serva de Deus, Sílvia Cardoso, à alta contemplação do mistério da Comunhão dos Santos.

A vivência do mistério da Comunhão dos Santos na sua espiritualidade começou por considerar membros do Corpo de Cristo as crianças, os doentes, os pobres, os marginalizados, fazendo deles sacramento do seu encontro com Cristo Redentor, Cabeça do Seu Corpo. Mas esta sua vivência mística do Cristo Redentor das almas reconduziu-a à alta contemplação da solidariedade do Corpo Místico de Cristo, no qual o bem de uns é comunicado e partilhado pelos outros. Esta solidariedade da sua espiritualidade transparece na carta que ela dirigiu à S. Eminência, Cardeal Cerejeira, em 1 de Agosto de 1937.

*«Luzeiros vivos! Chamas a arder! Corações em fogo! Abrasados, aquecidos todos nesse braseiro vivo! O Coração do Senhor. Labaredas ardentes consumindo o que fora da graça está! Tornado uns aquecendo outros, labareda viva; o calor levando a todos e inflamando tudo; para que consumido seja nessa fogueira o lenho verde e em brasa se faça antes que cinza se faça! Pela nossa união em Cristo! Cristo em nós! E nós em Cristo! A Nossa Missão! Modelos sejamos do próprio Deus!»*⁹³

Além da vivência da comunhão dos bens espirituais pela sua comunhão com Cristo na Igreja, a sua espiritualidade da Comunhão dos Santos transparece também na sua comunhão espiritual com as pessoas espirituais, familiares e amigas.

⁹² Cf. Cx. 19, Dc. 3.

⁹³ Cf. Cx. 5, Dc. 2.

Consciente de que a morte não desfaz a união dos que caminham sobre a Terra com os irmãos que adormeceram na paz de Cristo, a D. Sílvia fez orações muito bonitas por ocasião da morte de algumas pessoas das suas relações. Um exemplo elucidativo disto é a oração que ela fez por ocasião da morte do seu pai.

*«Tudo deixou, para à mesma tudo lhe ser dado; depois de lhe ser tirado; para a purificação haver e apêgos não ter ao que humano é e nos faz sofrer! Tudo é passado, em peneira fina; o crivo mais divino, a dor; o martírio lento, que nos faz gosar e nos faz sofrer! A natureza geme e o espírito eleva-se, para em Deus ser tornada a Obra por Ele feita! Todos os amores reunidos, a um só Amor; pelo coração de Deus! Assim da tua alma, meu pai, o Amor de Deus recebi, para por Ele em mim tudo ser feito e a sua vontade cumprida na terra como o é no Céu!»*⁹⁴

Outra expressão da Comunhão dos Santos na espiritualidade da Sílvia foi a sua devoção aos Santos, sobretudo aos da sua predileção. Os Santos da sua devoção tiveram um significado importante na sua vida espiritual de harmonia com a evolução da mesma. Os Santos da sua devoção aparecem nos seus manuscritos como «modelos de identificação da sua espiritualidade; estimulam-na e intercedem pelas suas Obras.

Entre os seus devotos já indicados, recordamos ainda S. Tereziinha, a quem invoca muitas vezes nas suas orações de modo semelhante à oração feita em 5 de Maio de 1937.

*«Santa Teresinha, nossa Protectora e guia!
A vossos pés depômos, todo o nosso amor para que a Jesus o deis! Hoje, que a entrega nos fez da sua obra! O seu divino Espírito, sobre nós baixou para no seu coração nos unir e ao Eterno Pai nos oferecer, pelas três Divinas pessoas, em nós, para por elas glorificado ser no Céu e na terra! Agora e sempre!»*⁹⁵

Considerando os Santos herança e coroa de Cristo, a sua devoção aos Santos era um encontro com Cristo na Sua Obra! Por isso rezou assim em 11-9-1941:

*«A união das nossas almas, vos traga a Maior glória, Senhor!
Tudo seja feito por vosso Amor, no Céu e na terra!»*

⁹⁴ Cf. Cx. 2, Dc. 41.

⁹⁵ Cf. Cx. 5, Dc. 2.

Louvado sejais para sempre em nós, pela vossa Obra na nossa Obra: St.^a Bárbara; o beato S. João de Brito; St.^a Teresinha, St.^o Antóñio, Beato D. Nuno Álvares Pereira; St.^a Margarida Maria e Rainha St.^a Isabel sejam as nossas Protectoras, tendo por guia S. José!»⁹⁶

Pela vivência mística do Santo dos Santos, Jesus Cristo, o Salvador das almas, a Serva de Deus contemplou o mistério dos Santos da sua devoção desde o Deus Santo que se manifesta nos seus Santos a favor dos homens! Pela comunhão com os Santos, a Sílvia subia até à contemplação do Deus Santo! E pela comunhão mística com o Deus Santo descia até à comunhão mais profunda com os Santos! Da contemplação mística dos Santos da sua devoção nascia a oração que ela fez na contemplação de S. Luzia:

«Para em luz ser visto o Amor em Luzia, pelo Amor, em Obra n'ela vista! O Amor / Deus, na sua Obra e a sua Obra n'ele! / A União / O Amor / A Salvação!»⁹⁷

V. A DIMENSÃO FEMININA DA ESPIRITUALIDADE DE SÍLVIA CARDOSO

O processo da espiritualização da D. Sílvia não destruiu nem suprimiu as suas virtualidades femininas; mas aperfeiçoou-as e transformou-as, integrando todas as dimensões da sua personalidade de mulher no «seguimento de Cristo», vivido e conduzido pela acção do Espírito Santo. Reconcentrada no seu interior de mulher, D. Sílvia assumiu a sua condição feminina na vivência espiritual e mística da sua vida, que transparece nos símbolos femininos da sua linguagem espiritual e mística e nas suas efusões sentimentais, nas palavras fervorosas e lirismos poéticos da sua oração.

Sem a influência de qualquer forma de feminismo cultural ou teológico, a D. Sílvia assumiu conscientemente o mistério do seu ser de mulher fazendo da experiência feminina do seu ser também uma experiência feminina da presença de Deus em si mesma por Jesus Cristo na unidade e comunhão do Espírito Santo! Num dos seus livros, que tem o título «A mulher», há um conjunto de textos reveladores da sua expe-

⁹⁶ Cf. Cx. 5, Dc. 2.

⁹⁷ Cf. Cx. 28, Dc. 3.

riência feminina da sua vida espiritual. Dele extraí algumas frases que manifestam a sua experiência de mulher espiritual à luz da experiência que Maria fez de Deus.

«N'uma só figura vista — a Margarida / A Pérola / O Amor eterno / A Pomba do Amor; em vou O Eterno; por um só Amor; em Obra; assente n'ela; para na mulher, ser vista, a Obra d'um Deus / o Amor; como em Maria, a Obra / O Amor, por uma só Obra n'Ele, em Obra; O Amor em duas figuras visto! A Obra d'um Deus, marcada, em Obra; por um só Amor; para na mulher, ser vista a Obra, encarnada n'ela / pelo Amor em Obra, na Sua Obra, pelo Eterno Amor!»⁹⁸

A «nupcialidade» da sua união com Cristo é outra expressão significativa da dimensão feminina da sua espiritualidade. São muitas as orações que reflectem a sua espiritualidade esponsal, com características muito femininas. Em 17 de Setembro de 1947 fazia esta oração:

«O Amor visto, em noivado místico, por um só noivo em Obra visto / Jesus, na sua Obra e a sua Obra n'ele / Uma só Obra / Assim o Amor em noivado visto, sempre o Amor; o noivo do Amor em Amor, visto pelo Eterno Amor; para o Amor em Obra ser visto, n'um só noivado, na sua Igreja / Jesus, visto em Amor!»⁹⁹

Outra expressão da dimensão feminina da sua espiritualidade foi a «maternidade espiritual da sua virgindade consagrada», que fez dela mãe que a todos acolhia, com o Amor feminino, transformado pelo Amor de Deus difundido no seu coração. A «fecundidade apostólica da sua virgindade, realizada pela acção do Espírito Santo, transparece na maioria dos seus manuscritos. Da contemplação de si mesma como mulher, chamada para o trabalho apostólico do Reino de Deus, brotavam orações como esta:

«Numa fita d'Amor, o Amor visto em Obra, nos velhos e nos novos, um só Amor / Uma só Obra / Deus a viver n'eles em Amor, para o Amor ser visto em Amor! A dar Amor a todos, n'um só Amor; pela virgindade, em Obra; visto o Amor, nas virgens; para às mães, por elas, ser passado o Amor e às viúvas dado o Amor n'uma só Obra!»¹⁰⁰

⁹⁸ Cf. Cx. 18, Dc. 31.

⁹⁹ Cf. Cx. 27, Dc. 3.

¹⁰⁰ Cf. Cx. 27, Dc. 3.

Outra expressão feminina da sua espiritualidade foi a sua amizade humana, vivida «no Espírito e segundo o Espírito». Os seus encontros com amigos, cheios de ternura, eram também encontro com Cristo, porque ela reconhecia Cristo neles, falava-lhes de Cristo e a Cristo procurava reconduzi-los! As cartas que a Sílvia escreveu às suas amigas e amigos são uma expressão da sua amizade feminina. Extraí de uma delas o seguinte:

«Minha querida Graça.

Aí te vão os meus parabéns, já que de viva voz t'os não posso dar e crê minha querida, que com o melhor dos afectos te cinjo, n'um doce e carinhoso abraço, pois toda tu és meiguice!

Desejaria com ele poder levar-te toda a felicidade, as doçuras que o coração te pede; mas como na minha mão nada está, pedi-rei a Deus que te cerque das suas graças, espalhe sobre ti as suas bênçãos e te encha das suas consolações espirituais; pois os afectos da terra sem o calor do Céu nada valem e desfazem-se como o fumo, quando não são firmados em Deus e por Deus! Que te mostre sempre o caminho a seguir e docemente sejas conduzida! Tu, para mim és uma dessas criaturas em quem parece-me ler a presença de Deus na tua alma! Sabes ser carinhosa e caridosa, portanto, nas tuas orações lembra-te sempre de quem precisa delas. Beija-te e abraça-te com mil afectos a tua afeiçoada.

*Sílvia».*¹⁰¹

Para que este trabalho não se torne ainda mais extenso, prescindindo de outros aspectos interessantes da dimensão feminina da espiritualidade da Sílvia. Penso, porém, que a acção santificadora de Deus foi o factor decisivo no fenómeno espiritual e místico da D. Sílvia Cardoso. Mas Deus interveio no processo da espiritualização «em, com e através» da personalidade da Sílvia; sendo, porém, difícil discernir o «mistério» do «Dom Divino» na colaboração da sua resposta humana, marcada pela sua personalidade. Prescindindo da análise psicológica da sua personalidade vigorosa e paradoxal, mas transcrevo aqui uma carta dirigida ao Director do jornal de Penafiel, em 11 de Junho de 1923, indicadora da sua personalidade.

*«Exmo. Senhor Director
do Jornal de Penafiel.*

Muito longe da verdade fica a notícia que V. Excia. permitiu que saísse no seu Jornal.

¹⁰¹ Cf. Cx. 10, Dc. 3.

Vinha portanto pedir-lhe a fineza de indicar-me o nome do informador, para lhe fazer um convite, assim como a V. Excia., pois tenho verdadeiro empenho que visitem a minha casa em Sequeiros para melhor se informarem do que se lá passa. Costumo sempre assumir a responsabilidade dos meus actos e não me intimido facilmente, porque a verdade triunfa sempre.

Em Paços de Ferreira, e julgo que numa grande parte do país, sou conhecida; todos sabem que só trabalho e viso o bem geral e como patriota que sou, anima-me o desejo ardente de contribuir o mais possível para que a Religião, toda Amor e bondade, vá levar a felicidade aos lares onde a sua eficácia desconhecida ainda está! Para que melhor se reflita e vejam a sua beleza e grandeza, é que tenho convidado as pessoas amigas e conhecidas, recebendo-as em minha casa.

Permita-me V. Excia. que lhe ofereça este livrinho e o convite a tomar parte nas próximas conferências para cavalheiros, que terão lugar no dia 26. Farei o possível para que esteja tanto à vontade como em sua casa.

Experimente V. Excia. e verá! Vários republicanos tenho convidado e três já tomaram parte; e até já tive aventura de ver a assistir alguns cavalheiros que não professam o meu credo religioso... Cavalheiros de toda a distinção têm-me dado a honra de vir a minha casa; e julgo que nenhum de lá saiu com má impressão... A par destes, tenho acolhido em vezes diferentes os pobres, pois que irmamente trato as classes menos elevadas...

*Desejando-lhe muitas felicidades, me subscrevo
Sílvia Cardoso Ferreira da Silva».*¹⁰²

Ao terminar este trabalho, confesso que fiquei surpreendido com o acontecimento espiritual da Dona Sílvia Cardoso. Na verdade, o Espírito sopra onde quer e como quer! A leitura dos seus escritos despertou em mim a admiração perante o mistério da sua vida espiritual. A sua vida espiritual proveio de Deus Pai por Cristo na unidade e comunhão do Espírito Santo; mas também ela teve de colaborar com Deus, porque quem se santifica, santifica-se também a si mesmo com Deus! A divinição da pessoa humana é obra do Espírito Santo, mas manifesta-se sob diferentes formas, segundo a estrutura psíquica de cada um, segundo o seu meio ambiente e a sua história. Contudo, no seu itinerário espiritual, foi conhecendo-se a si mesma, afim de se tornar no que era, e não o que a cultura ou a sociedade desejariam que ela fosse!

¹⁰² Cf. Cx. 2, Dc. 2.

Conclusão

Neste meu trabalho procurei oferecer uma imagem fiel da vida espiritual e mística da Serva de Deus, Sílvia Cardoso, que transparece nos seus manuscritos. Procurei ser fiel aos textos originais, recolhidos sob a responsabilidade do Dr. Ângelo Alves, mas tirei alguns textos do seu contexto histórico, enquadrando-os num esquema possível da Teologia da Vida espiritual. A falta de uma organização mais pormenorizada dos «manuscritos» da D. Sílvia dificultou-me imenso o trabalho. Depois de percorrer muitas centenas de páginas, recolhi os textos que me pareceram mais significativos, deixando alguns outros textos e factos, igualmente muito elucidativos da sua vida espiritual. Penso que o conhecimento da espiritualidade da Serva de Deus, Sílvia Cardoso, realizada pela sua configuração com Cristo, vivida «no Espírito e segundo o Espírito», é um testemunho de que «a espiritualidade laical» é também um caminho evangélico para gerar «santos seculares» no mundo! No contexto da cultura secular, democrática e pluralista, do mundo actual, a cultura da vida espiritual, vivida no «Espírito e segundo o Espírito», deve ser uma das preocupações da Pastoral da Igreja. A experiência secular de Deus, revelado em Cristo na unidade e comunhão do Espírito Santo, pode ser o caminho actual para superar a sensação espiritual da «ausência e do silêncio de Deus» no mundo contemporâneo.

JOAQUIM MONTEIRO

As capelas de Santa Madalena do Monte da Falperra: nova abordagem *

1. Introdução

Depois de um primeiro trabalho sobre os ritmos de construção da actual capela de Santa Maria Madalena do Monte da Falperra, cujo suporte foram *actas notariais*, tivemos oportunidade de pesquisar no Arquivo da Confraria que preside aos destinos daquela capela. O material que então recolhemos, sem perder de vista as *actas notariais*, é o *leit motiv* desta comunicação.

Várias são as discrepâncias entre a nossa análise e a de Robert Smith: o estudo mais apurado da documentação não permite, a nosso ver, fazer determinadas atribuições.

Num Congresso em que uma das secções é de homenagem a Robert Smith, não pretendemos vestir a capa de Velho do Restelo, antes pelo contrário, a sua análise primeira incentivou-nos a esta pesquisa. Ainda que necessário seja rever alguns pontos da sua tese sobre a capela da Falperra, fazê-mo-lo com devoção científica e sem olvidar o grande investigador.

2. As duas capelas da Falperra

2.1. A capela primitiva

A primeira notícia de que dispomos desta capela é o «Memorial» das obras mandadas executar por D. Diogo de Sousa, Arcebispo de Bra-

* O conteúdo deste trabalho serviu de base a uma comunicação apresentada no *Congresso Internacional de História de Arte* em 1992.